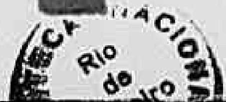
N.º 13 ★ 29-3-51
Cr$ 3,00
em todo o Brasil

A CENA muda

CINEMA
RÁDIO
MÚSICA
VARIEDADES





Sapatos que seus filhos adoram!



INSINUANTE

UMA GALERIA A SUA DISPOSIÇÃO COM ÁGUA **GELADINHA** AS SUAS ORDENS:



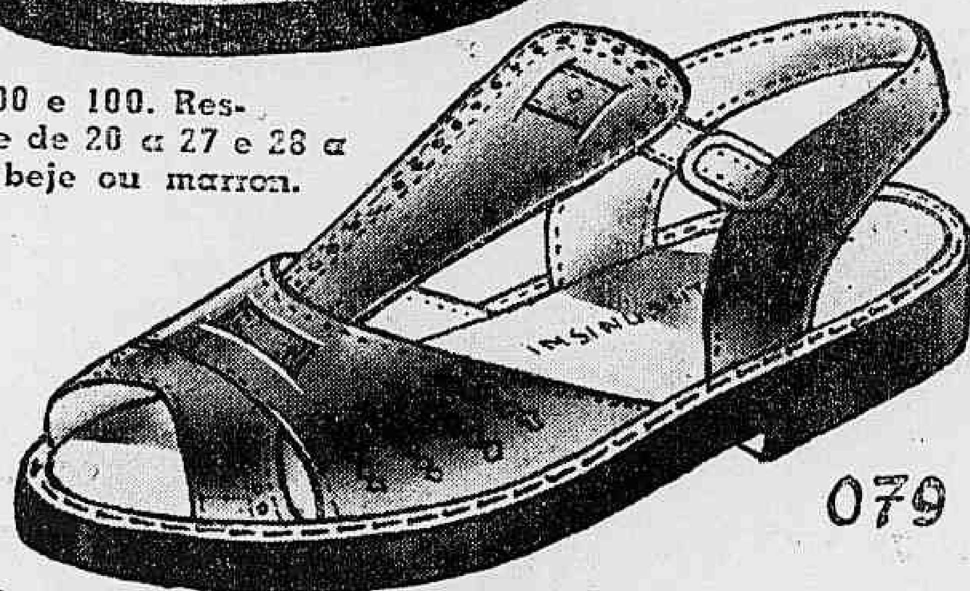
077

077 Cr$ 70,00 — 75,00 e 95,00. Respectivamente de 18 a 22 — 23 a 27 e 28 a 33. Tôdas as côres.



078

078 Cr$ 85,00 e 100. Respectivamente de 20 a 27 e 28 a 33. Branco, beje ou marron.



079

079 Cr$ 50,00 — 72,00 e 75,00. Respectivamente de 18 a 22 — 23 a 27 e 28 a 33. Diversas côres.
Remetemos para todo o Brasil. Porte 3 cruzeiros por par.
Não trabalhamos com reembôlso.

insinuante

A SAPATARIA PREDILETA DE SEUS FILHOS E DE SEUS NETINHOS

CARIOCA, 46-48 — SETE de SETEMBRO, 199-201

CINEMA BRASILEIRO

Vista parcial dos estúdios da Maristela, em Jaçanã. Calcula-se em 25 milhões o capital empatado até agora.

VER PARA CRER

E' PROIBIDA A ENTRADA AS PESSOAS ESTRANHAS — Pasqualino: late em cinco idiomas.

VISITA AOS ESTÚDIOS MARISTELA ★ POSSIBILIDADES DE FAZER BOM CINEMA ★ GRANDE ÁREA E BOM EQUIPAMENTO ★ EQUIPE DE TÉCNICOS ★ INTERCÂMBIO ÍTALO-BRASILEIRO ★ CINEMA-ARTE E CINEMA-INDÚSTRIA ★ MUITO DINHEIRO EMPATADO ★ ORGANIZAÇÃO, BASE DO PROGRESSO ★ SÃO PAULO VAI BEM, OBRIGADO...

Reportagem de **leon eliachar** ★ Fotos de **vladas e pamplona**

PANORAMA

AGORA, mais do que nunca, se fala muito em cinema brasileiro. Alguns descrentes insistem em que êle "ainda" não existe. Todavia, é bom notar, mais do que nunca êle tem aparecido e tem sido comentado. Bom sinal. Dificilmente, há uns cinco ou seis anos, encontrava-se tanto entusiasmo com relação ao nosso cinema, apesar da lei de obrigatoriedade, que exigia das casas exibidoras, a projeção de *um* filme nacional por ano. Pois bem: hoje essa mesma lei foi "ampliada", exigindo a exibição de *seis* películas nacionais por ano em cada casa exibidora. Por isso ou por aquilo, a verdade é que os produtores têm dado conta do recado. Filme nacional é o que não falta; o que pouco se encontra é qualidade.

Não obstante, seria derrotismo de qualquer de nós se não reconhecêssemos que o nível técnico de nossa produção tem subido muito nos dois últimos anos. Filmes há, mesmo, onde se encontra algum vislumbre de arte, alguns cérebros trabalhando em função de um cinema mais digno e mais honesto. Não vamos falar de coisas antigas, como "Limite", "Barro Humano", "Canga Bruta", e poucos mais. Interessa-nos mais de perto a produção nova, recente, como "Caminhos do Sul", "Quando a Noite Acaba", "Estrêla da Manhã", "Caiçara" (que fêz figura no Festival do Uruguai), "A Sombra da Outra", etc. Algumas tentativas foram frustradas, embora limpas e honestas; outras renderam bastante e compensaram o esfôrço, enquanto um grupo de aventureiros continua a causar confusão entre as massas mais crédulas e ingênuas mas o fato é que a coisa vai caminhando. Para tudo há sempre uma justificativa. Para o cinema nacional sempre houve *muitas* justificativas. Ora é um que diz faltar dinheiro, ora é outro que diz faltar aparelhamento, ora é um terceiro que diz faltarem técnicos, ora é outro que diz faltarem estúdios. Sempre falta alguma coisa, mas ninguém sabe o que é. Zum-zum-zum-zum-zum-zum-zum, está faltando... Mas as faltas foram sendo supridas, gradativamente. Tanto que ninguém tem mais receio de meter-se no negócio do cinema. Estrangeiros de tôdas as partes do mundo olham para o Brasil com bons olhos e



Uma vista do «set» onde se filmava «Suzana e o Presidente». O diretor exige que a iluminação seja perfeita.



Rugero Jacobbi, diretor de «Presença de Anita», dá algumas instruções aos artistas antes de tomar uma cena.

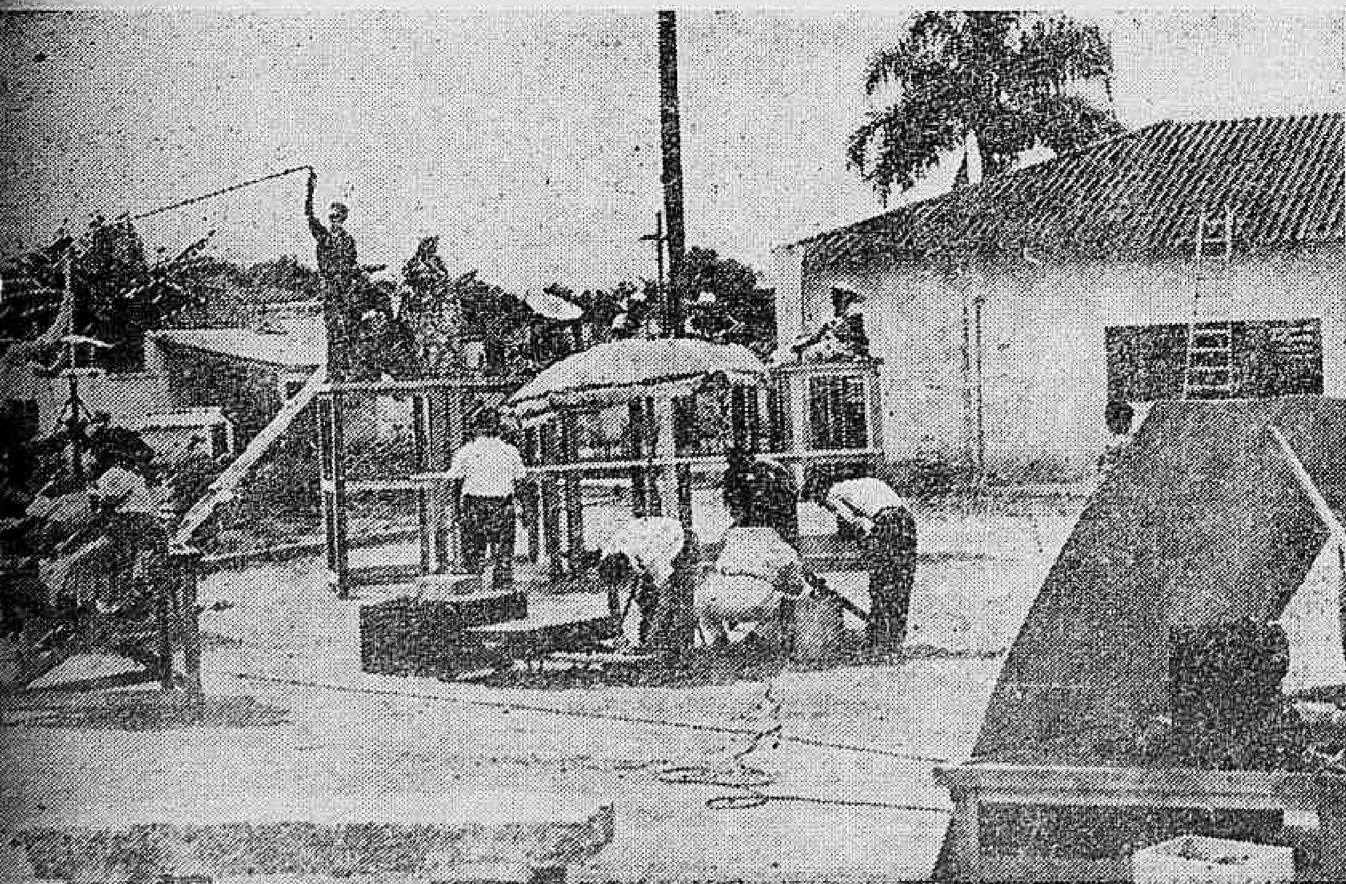
vêm radicar aqui com as suas máquinas, o seu material, o seu dinheiro, o seu trabalho. Juntam-se com brasileiros, trabalham em conjunto. Formam-se equipes de técnicos, compram-se máquinas, constroem-se estúdios. Outros trabalham ainda sem estúdios. Se o filme render, pagam; se não, fica por isso mesmo. Desistem. Ou tentam novamente. O fato é que a coisa está tomando vulto. Em todos os cantos do país estão sendo produzidas fitas nacionais, fitas com argumentos nativos, com assuntos locais. Mas nada se fêz ainda que se pudesse mostrar no estrangeiro. Incapacidade de realização? Duvidamos muito. A tal "coisinha" que estava faltando era organização. Mas uma organização sólida, com diretrizes traçadas e prèviamente estudadas, calcadas em planos que pudessem ser concretizados. Nada de sonhos. Dois e dois são quatro. Matemático.

Agora, finalmente, parece que o Brasil está se organizando em matéria de cinema. Está se acabando o charlatanismo. Procura-se fazer cinema sério, firmado em base de indústria. O Rio possui vários estúdios organizados; Pôrto Alegre, Minas, Recife, também fazem filmes. Mas parece que é em São Paulo onde a verdadeira indústria começa a nascer, com a Vera-Cruz e a Maristela. Hoje vamos falar do segundo, onde, a convite de seus diretores, fizemos uma demorada visita e um estudo a ôlho nu da situação. Não vamos entrar em pequenos detalhes nem fazer prognósticos. Vamos relatar o que vimos. O resto fica a critério do próprio leitor.

OS ESTÚDIOS

A 20 minutos de automóvel da cidade, em Jaçanã, encontram-se os estúdios da Cinematográfica Maristela — numa distância de 11 quilômetros, ocupando uma área de 40.000 metros quadrados, dos quais 18.000 foram ocupados em pouco mais de seis meses, desde o início das construções, a 6 de setembro de 1950. Nessa pequena parte ocupada, acham-se instalados 4 amplos estúdios: um de 38x22 metros e 15 de altura; dois de 25x50 e 7 metros de altura, e um de 15x22 e 7 de altura, todos com piscina coberta. Existe também um Palco de Som, completamente aparelhado, para gravações, doublagem, mixamento, e que serve também como sala de projeção, com 50 lugares sentados, com 2 aparelhos de projeção de 35mms, 2 de doublagem e 1 de mixagem. Um depósito subterrâneo de filmes, com ar refrigerado. Central elétrica, com energia própria. Almoxarifado completo. Oficinas mecânicas (carpintaria, mercenaria, etc.), onde são construídos todos os acessórios para filmagens e para uso interno. Um pequeno prédio, bem próximo, é o restaurante e bar, com um balcão relativamente grande, uma sala arejada e ampla, com algumas mesas, onde os operários fazem suas refeições grátis, isto é, não descontadas de seus salários. A comida servida é de primeira, tanto para os diretores como para os funcionários. Cozinha farta e limpa, conforme tivemos o prazer de saborear. Os dirigentes do estúdio acham que os seus funcionários devem ser bem pagos e bem alimentados; estamos com êles. Uma ampla garagem, abriga 2 caminhonetes grandes; 2 caminhonetes pequenas; 1 jeep; 1 jeepão; 2 Austin; 1 Fiat 1.400; 1 Dodge; 1 Pontiac, e 2 gigantescos caminhões de transporte. Êstes veículos servem para fazer o transporte de carga e humano para todos os setores.

Na ala de um dos estúdios, situam-se os camarins (9 ao todo), compostos de 1 armário, um grande espelho, 1 cama, cabides. Nou-



Nas proximidades do estúdio, prepara-se um «set» para a filmagem de um «short» sôbre a macumba.



Nesse «short», toma parte o grupo do Teatro Experimental do Negro. Na câmera, Landini estuda um «travelling» de grande efeito.

tra ala, situa-se o Departamento de maquilagem e departamento de costura, onde são confeccionados todos os trajes a serem usados nos filmes. Num prédio à parte, encontramos vários departamentos: cenografia, produção, cenarização, secretaria e direção artística. Os estúdios mantêm ainda um Ambulatório Médico; 2 dormitórios com 40 camas, no total; 10 chuveiros. Há uma grande horta cultivada pelos chacareiros, contratados especialmente para êsse fim. O Laboratório ainda está em projeto, já tendo sido negociada a compra do material aqui no Rio.

EQUIPAMENTO

No que concerne a aparelhamentos e equipamento técnico, a Maristela acha-se bem municiada. 415 refletores de todos os tamanhos. 6 Arcos. 2 Câmaras Super-Parvo. 2 Câmaras Dehy-L. 1 Bellander. 1 Hamiflex. 1 Mithel N.C. 3 gravadores completos magnéticosincronizadores; 2 gravadores completos sôbre o filme, e todos os demais acessórios para filmagens, carrilhas, microfones, girafas, etc. O dinosauro está sendo construído aqui mesmo no Brasil.

PESSOAL

Os estúdios mantêm sob contrato nada menos de 148 pessoas, distribuídas nos vários setores de suas atividades. Eis os principais:

Diretores: Alberto Audrá — diretor-presidente; Mário Audrá Jr. — diretor-gerente; Mário Civeli — diretor de produção; Carlos Alberto Pôrto — diretor-secretário; Alberto Atilli e Mário Del Rio, também diretores de produção.

Diretores de filmagens: Rugero Jacobbi, italiano; Alberto Pieralisi, italiano; Manuel Pellufo, mexicano; Carlos Ortiz, brasileiro; Gino De Santis, italiano.

Cenaristas: Gino De Santis, Alex Viany, Carlos Ortiz, Guilherme Figueiredo, Mário Donato, Miroel Silveira, Sérgio Brito e Millor Fernandes (Vão Gôgo).

Iluminadores e Cameramen: Mário Pages, Jacques de Hainsolin, Juan Carlos Landini, Massime Sperandis e David Altchmler.

Ass. de cameraman: César Giorgi; Sérgio Tofani, Homério Marin, Adelfo Gonzalez.

Cenógrafos: Luciano Gregori, France Cerni, Alexandre Koranaycrak.

Assistentes de cenógrafos: André Asser, Reia Renza, Francisco Balduíno.

Assistentes de dir. artística: Sérgio Brito, Armando Couto, Márcus Margulies.

Técnico de Som: Jacques Lesgards, Huguette Lesgards, Mário Lodeluca, Serge Montiel, Giuseppe Bísio.

Corte e Coordenação: Pepe Camicares, Ceula Civelli, Silha Maria, Pola Civeli, Christa Preibisch, Elizabette Ciege.

Maquiladores: Serge Pisani, Aldo Cortes da Gama, Oscar Guarez, Flávio Tôrres.

Fotógrafos: Vladas Vaitermas, Kebrinat Vieilig, Fernando Pamplona.

Assistentes de produção: Vittorio Cesani, Bruna Bruni, Bolivar Pereira Garcia, Alfredo Guilherme Gallaine, Nelson Bini.

Como se vê, o corpo técnico é composto, em sua quase totalidade,



O "DONO" DA MARISTELA
Mario Civelli: Vale quanto pesa



Os funcionários da Maristela são bem alimentados. Em seu restaurante, todos comem gratis, independentemente do ordenado. E até o repórter saboreou uma refeição — «ajudado» por Vera Nunes...



O palco de som foi construido especialmente para êsse fim. Ali se fazem doublagens, gravação de som, mixamento e, inclusive, são musicados os filmes. Está muito bem equipado técnicamente.

de elementos estrangeiros, sobretudo de italianos. Contudo, a Maristela mantem suas portas abertas a quem apresentar credenciais, aptidões e vontade de trabalhar. Assim parece.

INTERCAMBIO

A Maristela tem vários planos de intercâmbio, não só com a Itália, como com a França e a Argentina, alguns dos quais já estão assentados. Haverá, por exemplo, o plano de co-produção com o produtor Ponti De Laurentis (marido de Silvana Mangano) e a companhia Vulcania S. A. O cameraman e iluminador Aldo Tonti foi contratado para fotografar um filme. Camillo Mastrocinque dirigirá uma pelicula. Alberto Lattuada, idem. Aldo Fabrizi, provávelmente, fará um filme na Maristela. Mário Camerini será o diretor de uma película. Amedeo Nazari será o "astro" de um filme no Brasil enquanto que Orlando Vilar fará um filme na Itália. Estuda-se também a possibilidade de um intercâmbio de atrizes e, possivelmente, virá a São Paulo uma grande atriz internacional em troca de uma atriz brasileira. Para 1952, fazem-se os projetos para a fabricação de filmes em co-produção com a França e a Argentina. E é bem provável que Gérard Phillipe encabece um elenco brasileiro.

OPORTUNIDADES

A Maristela oferece anualmente, como incentivo aos que demonstram aptidões e vocação para o cinema, 18 vagas por ano em seus estúdios, a alunos do Seminário de Cinema do Museu de Arte de São Paulo. De 4 em 4 meses, aceitam-se 6 jovens que permanecem nos estúdios, nos setores de suas inclinações, durante um periodo de aprendizagem prática, percebendo 900 cruzeiros mensais, além de casa e comida. Se no fim dêsse tempo não tiverem demonstrado capacidade de trabalho, cederão lugar o outros candidatos; se, ao contrário, mostrarem-se aptos, passam automàticamente a efetivos, sob contrato.

PLANOS DE PRODUÇÃO

O plano de produção da Maristela é intenso. Seu primeiro filme foi "Presença de Anita", baseado no romance de Mário Donato, e dirigido por Rugero Jacobbi, tendo como astros Orlando Vilar, Vera Nunes, e a estreante Antonieta Morineau — filha de Henriette.

Esta pelicula já está pronta, mas não nos foi exibida, porquanto faltava o som para ficar completa. Não damos palpite, portanto. Ver para crer.

"Suzana e o Presidente", comédia, deverá terminar em principio de abril. Também tem a direção de Jacobbi, e os astros são os mesmos: Vera Nunes e Vilar, além de colaboração do crack Leônidas que, dizem, é uma revelação.

"A Carne", de Júlio Ribeiro, é uma produção da Brasil Art-Films, realizada pela Maristela. Teve a direção de Guido Lazzarini.

(Cont. na pág. 20)

148 elementos já se acham sob contrato com a Maristela, entre diretores, técnicos, fotógrafos, montadores, cenógrafos, cenaristas, etc. Aqui vemos um grupo dêles, no momento de nossa visita.





COTAÇÕES

1 - Fraco; 2 - Regular; 3 - Bom ;4 - Muito bom; 5 - Ótimo

CINZAS AO VENTO
(Bright Leaf — Warner)

Michael Curtiz é um diretor consciente e que nos tem dado filmes que, se não chegam a ser obras primas, ao menos colocam-se num nível bem acentuado de superioridade. Assim, poderíamos citar uma infinidade de filmes de Curtiz («Alma em Suplício», «Casablanca», «Capitão Blood», etc.. E, baseados nisso, fomos com um certo otimismo assistir à exibição de «Cinzas ao Vento». O que encontramos foi uma história até certo ponto original, e por demais precipitada no final, que culmina com um trágico inevitável. Trata-se da ascenção e decadência de Bront Royce, que foi, à sua época (1894) o rei do tabaco. Para êle não havia barreiras; conseguia tudo o que queria, inclusive a mulher desejada, que era o seu verdadeiro estímulo — e terminou por ser a sua própria destruição. Embora obedecendo a um ritmo seguro, a deficiência do cenário, em certos trechos, faz com que o filme caia, enquanto a noção cinematográfica de Curtiz eleva outros pontos. Torna-se, assim, um filme com altos e baixos, seguindo, contudo, uma linha média e apreciável. Gary Cooper está muito bem na pele de Brant Royce, reabilitando-se de certos abacaxis que lhe têm impingido. Lauren Bacall, discreta. Patrícia Neal, bonita e talentosa, defende bem a sua parte. Jack Carson, sincero. Donald Crips, aceitável. Gladys George brilha numa ponta. Espetáculo simplesmente razoável, para quem não espera grande coista.

Cotação artística: 2 ½ **Cotação comercial:3**

★

ENTRE DOIS JURAMENTOS
(Two Flags West — 20th Fox)

Época: 1864. Os Estados Unidos estão no fim da guerra civil do Norte contra o Sul. Os prisioneiros sulistas, sujeitando-se a uma espécie de liberdade condicional, aceitam a proposta que lhe fazem os nortistas, para combater os índios. Para isso, seguem para um Pôsto onde um destacamento do Exército presta o serviço de segurança contra possíveis ataques ao serviço civil de transporte pelas zonas mais perigosas. Mas há, no pôsto de comando, um major recalcado, não só por mancar de uma perna, em virtude de ter sido alvejado pelos sulistas, como também por haver perdido seu irmão durante um combate. Os tipos não estão bem delineados e os atores fazem o que podem, auxiliados, é claro, pela direção de Robert Wise (Punhos de Campeão). Contudo, o cenário, senão deficiente, não chega a ser bem explícito, não entra em detalhes, com a preocupação quase que exclusiva de apresentar um choque entre os índios e os ianques, que parece ser o anti-climax da película, já que encaramos o «climax» pròpriamente dito, na cena em que o major, para não causar mais mortes, resolve entregar-se aos índios, caminhando para uma morte certa. O mais admirável em tudo é a espetacular fotografia de Leon Shamroy, que nos dá uma aula de plástica e composição admiráveis. Shamroy tira grandes efeitos de claro-escuro, com um enquadramento irrepreensível. Jeff Chandler é o melhor do «cast», seguido de Joseph Cotten e Cornel Wilde. Linda Darnell é a figura feminina. Espetáculo que agradará aos fãs do gênero «western»; os demais o acharão enfadonho.

Cotação artística: 2 ½ **Cotação comercial: 2**

★

SANGUE BRAVO
(The Outriders — Metro)

Um «western» que também aborda, sem felicidade, a guerra civil americana. História simples e banal, sem interêsse de espécie alguma, salvo uma ou duas cenas, bem distanciadas uma da outra. Bonito colorido da paisagem, película bem feita, com uma direção comum de Roy Rowland. Joel Mc Crea, Arlene Dahl e Barry Sullivan são os astros principais.

Cotação artística: 1 ½ **Cotação comercial: 3 ½**

CÉU SÔBRE O PANTANO
(Cielo sulla Palude — Art-Filme)

Augusto Genina é, indiscutivelmente, um poeta. E' realmente admirável como consegue impregnar as imagens mais humildes, mais cruas, mais violentas e mais selvagens com aquela poesia branda e suave que emana de sua câmara. O argumento se baseia numa reprodução da história de Maria Goretti, hoje canonizada pela igreja. Os atores são jovens camponeses desconhecidos. Contudo, ali está Genina, com o vigor de seus conhecimentos cinemáticos, para apresentar um verdadeiro documento humano, cheio de ternura, de violência, de brutalidade — mas, acima de tudo, com aquela simplicidade encantadora de quem vê tudo e não procura esclarecer nada, pois a sua visão é tão nítida que carece de qualquer explicação. Inês Orsini, Giovanni Martella, Assunta Radico e Francesco Tomolilo, os atores, portam-se com tal naturalidade diante da câmara que dificilmente acreditamo-los debutantes. Fotografia limpa, podemos mesmo dizer artística, obtém efeitos mágicos de poesia, apesar do ambiente sórdido em que se desenrola o filme. Qualquer árvore desfolhada, qualquer terreno pantanoso, qualquer casebre pobre é o suficiente para que Genina o transforme em algo de sublime com o seu toque inspirado de poeta. A história se resume na perseguição bestial que um camponês faz a uma camponesa para que se lhe entregue, chegando mesmo a matá-la por recusar-se. Cenas de bom cinema aí encontramos muitas. Genina segue um ritmo seguro, matemàticamente medido, propositalmente lento, colocando o espectador em contato direto com os personagens, fazendo-nos sentir o próprio drama que angustiava aquela jovem. História simples e banal (não vamos entrar em detalhes sôbre o tema abordado, senão pelo lado cinematográfico), adquire fôrça e expressão sob as lentes manejadas por Genina, indiscutivelmente um poeta, repetimos, e um verdadeiro cineasta.

Cotação artística: 3 ⅓
Cotação comercial: 3

★

QUANDO EU TE AMEI
(The Toast of New Orleans — Metro)

Musical estilo ópera. Mario Lanza é um pescador que tem boa voz (no filme). Kathryn Graywon é uma cantora famosa que vai às docas dar um «show», acompanhada de seu empresário e pretendente David Niven. David gosta da voz do rapaz e resolve fazer fortuna. Daí uma série de episódios supostamente cômicos, pois o pescador não tinha a menor noção de maneirismos e lhe contratam um professor, etc., etc., e, creiam ou não, nem no etc. encontramos graça. E o pior e que entre um etc. e outro, há um número de canto (Mme. Butterfly e outros bichos). J. Carrol Naish, James Mitchell e Rita Moreno também comparecem. Tudo misturado e em tecnicolor, ainda há quem ache graça e se encante com os trechos de ópera. Enfim, que é que podemos fazer?

Cotação artística: 1
Cotação comercial: 3

TEATRO

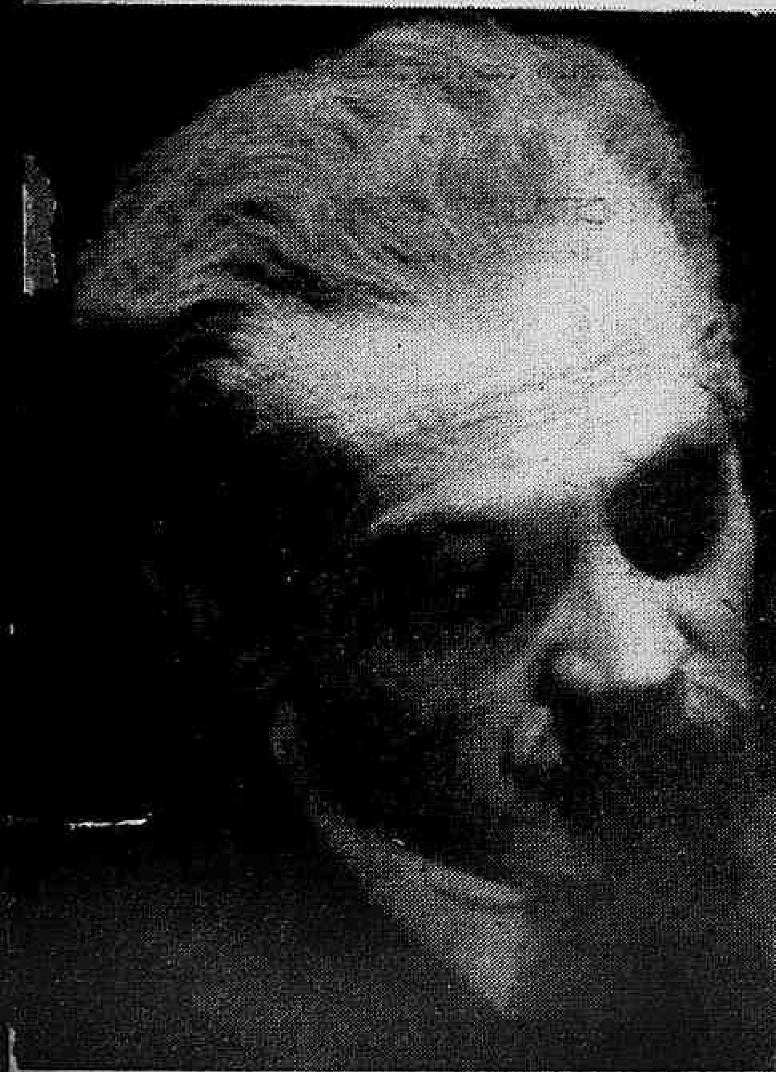
O Teatro Brasileiro de Comédias está de parabens. Seu esfôrço em manter um nível elevado em seu repertório de representações tem sido bastante compensado. Felizmente. Embora corra por aí o boato de que bom teatro não dá margem para lucros, essa companhia de São Paulo, como algumas raríssimas do Rio, atesta o contrário. Com casas sempre lotadas, o público luta com dificuldades para obter um ingresso, tal a procura e a curiosidade em tôrno de seus espetáculos, já credenciados pelo bom gôsto e pela seleção cuidadosa, pela encenação acurada e pela interpretação por verdadeiros valores da ribalta. Ali mesmo naquele pequeno palco, já foram honrados os nomes de Jean Cocteau, Tenesse Williams, Eugene O'Neil, Silveira Sampaio, William Saroyan, Jean Paul Sartre, Anton Tchecov, Oscar Wilde e muitos outros nomes conhecidos, estrangeiros e nacionais, cujas obras lhes grangearam fama e prestígio. Mas a coqueluche do momento, a atenção de todos está voltada para o espetáculo atual: «Seis Personagens à Procura de Um Autor», de Luigi Pirandello.

★

Pirandello, romancista, novelista e autor teatral italiano (1867-1936) foi um renovador do teatro e talvez um dos mais notáveis narradores dos tempos modernos. Suas peças, cheias de inovações técnicas, apresentam problemas psicológicos e filosóficos à uma nova e estranha luz. Pirandello mostra-se principalmente preocupado com os problemas da verdade e da personalidade. O desenvolvimento de suas peças é por vêzes desconcertante, estando, por outro lado, sempre presente uma grande fôrça dramática. E de tôda a sua obra, «Seis Personagens à Procura de Um Autor» é, talvez, a mais atraente e mais profunda, onde êle estuda, sob a capa da fantasia em fusão com a realidade, o problema da autonomia das personagens no fenômeno da criação artística.

O homem pensa que tem uma personalidade, quando, em verdade, sua personalidade varia no

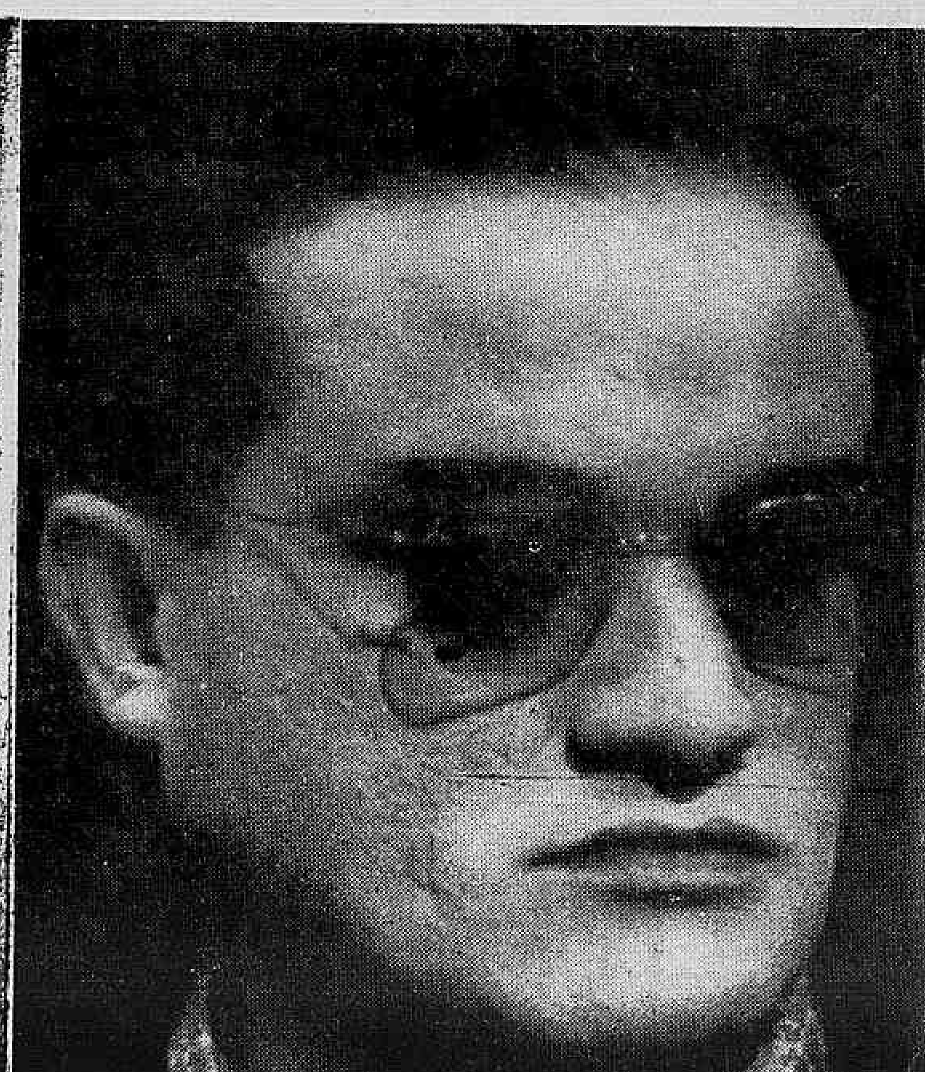
Sérgio Cardoso e Cacilda Becker num momento dramático de «Seis personagens à procura de um autor».



SÉRGIO CARDOSO
Excelente



CACILDA BECKR
Estupenda



CARLOS VERGUEIRO
Irrepreensível



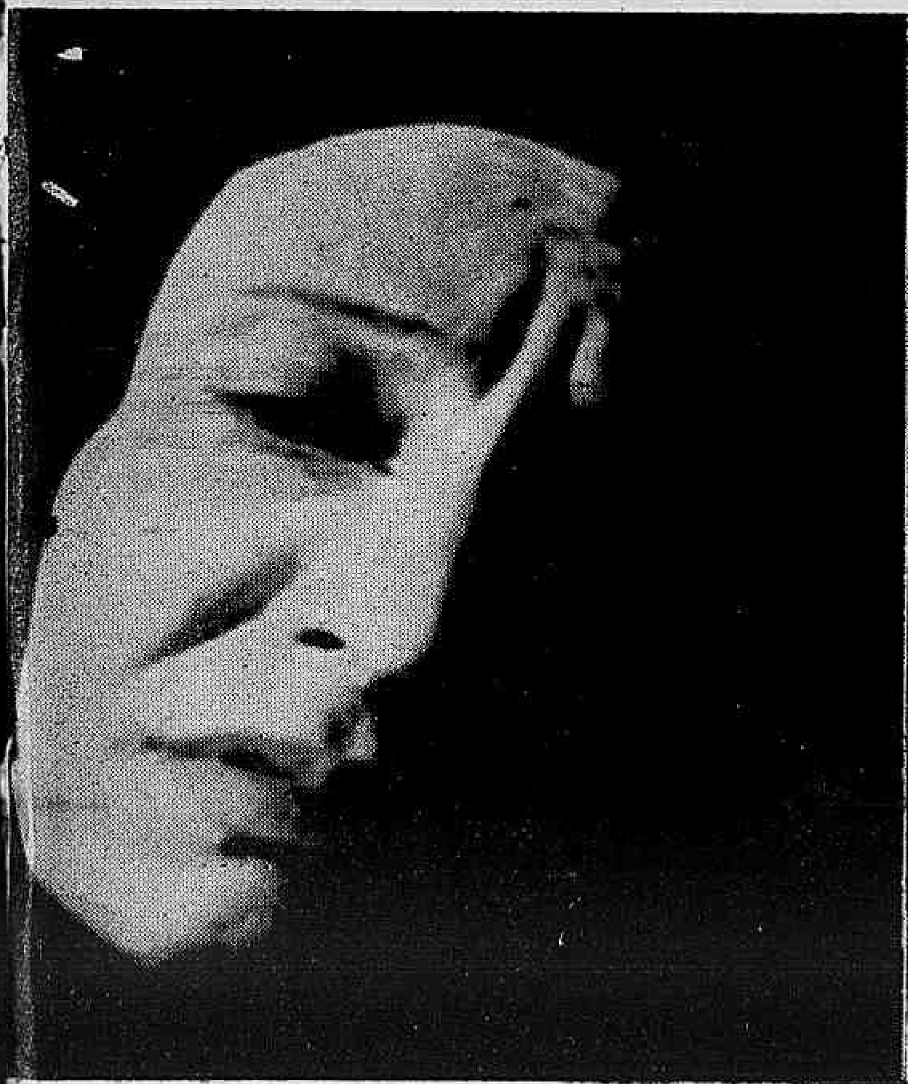
O Teatro Brasileiro de Comédias, apresentando Pirandello ao público brasileiro, dá um passo audacioso. As platéias têm sabido recompensar o seu esfôrço.

PIRANDELLO EM SÃO PAULO

De leon eliachar

ENCENAÇÃO DE UMA PEÇA DIFÍCIL ★ O PÚBLICO LOTA O TEATRO ★ GRANDE ACEITAÇÃO DAS PLATÉIAS ★ ENTENDENDO OU NÃO, TODOS APLAUDEM E ADMIRAM

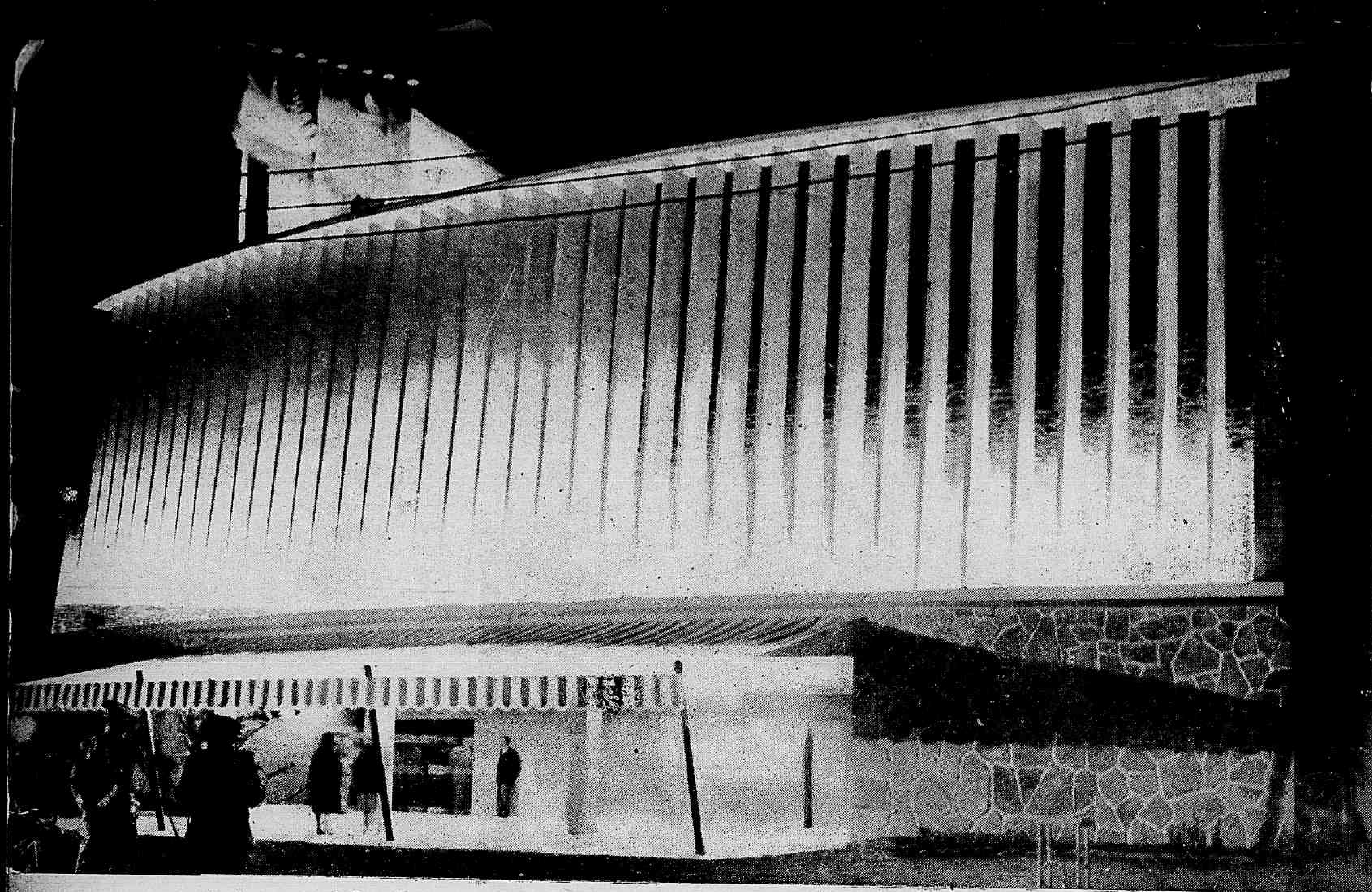
tempo e no espaço, de acôrdo com as circunstâncias que o cercam. Hoje é uma coisa, ontem era outra, amanhã talvez mude. Diante de fulano aparenta ser de uma forma, e já diante de beltrano toma novas atitudes. A personagem artística, obra de criação — esta, sim, é imutável. Foi criada de uma forma e esta será sempre a sua forma. Assim é que Pirandello lança mão de um recurso hábil e inteligente para expor seus notáveis conceitos, numa espécie de discussão pública, onde as próprias personagens advogam seu próprio drama com pessoas vivas, reais, dentro de um palco de teatro. Tal fôrça os envolve que, sem o querer, tornam-se mais vivas e mais reais do que as próprias figuras do palco, que buscam dar ao público «uma ilusão de realidade», quando as próprias personagens ali estão, vivas, reais. Pirandelo não se utiliza, para isso, do sobrenatural, com aparições fantasmagóricas; vais mais além. Os personagens que invadem o palco do teatro, à procura de um autor que os fizesse viver o seu drama, são de tal forma reais e convincentes que há uma espécie de confusão — confusão essa que se vai dissipando à medida que se desenvolve o drama, à medida que os diálogos, de uma eloqüência invulgar, vão esclarecendo espontâneamente o público mais desprevenido. Tudo é feito em tom de sátira. Em pleno momento dramático, uma frase, um gesto, cortam bruscamente a cena para um motivo de gargalhada — retomando, segundos após, o seu clima dramático e humano, porque as personagens pirandelianas, embora discutidas, são profundamente humanas e têm muito de nós mesmos. Não há um momento sequer em que a atenção do espectador seja desviada. E isto se deve exclusivamente ao cunho diretorial de Adolfo Celi, que soube manter tôda a grandiosidade do espetáculo, todo o vigor de seus diálogos. O elenco do Teatro Brasileiro de Comédias está irrepreensível. Sérgio Cardoso está magnífico, numa caracterização inesquecível. Fixa-se em nossa mente como um tipo real. Cacilda Becker, esplendida, numa performance à altura das grandes atrizes dramáticas, dessas cujo sangue vibra e ferve quando num palco. Paulo Autran é outro que está admirável. Gestos, palavras, tudo perfeito. Raquel Moacir é outra figura que impressiona, pela sinceridade de suas expressões, pela tristeza recalcada de suas palavras. E assim, todo o «cast»: Carlos Vergueiro, Marina Freire, Célia Biar, Maurício Barroso, Elizabeth Henreid, Fredi Kleemann, etc. — cada qual empenhando todo o seu talento para uma perfeita interpretação, de acôrdo com a importância do papel. O êxito da peça não se deve sòmente aos atores, senão ao diretor Adolfo Celi, e a todos os seus colaboradores: Pedro Petersen, diretor de cena; Cleide Yaconis, guarda-roupa; Vitor Merinov, maquilador; Luciano Salce e Ziembinsky, auxiliares nos ensaios. A todo êsse conjunto de fôrças e de capacidade de realização se deve o verdadeiro êxito dessa grande obra do teatro. E — por que não? — ao público compreensivo e admirador do que é belo de São Paulo.



RAQUEL MOACIR
Humana



PAULO AUTRAN
Naturalíssimo



O cinema é um prodígio de construção.

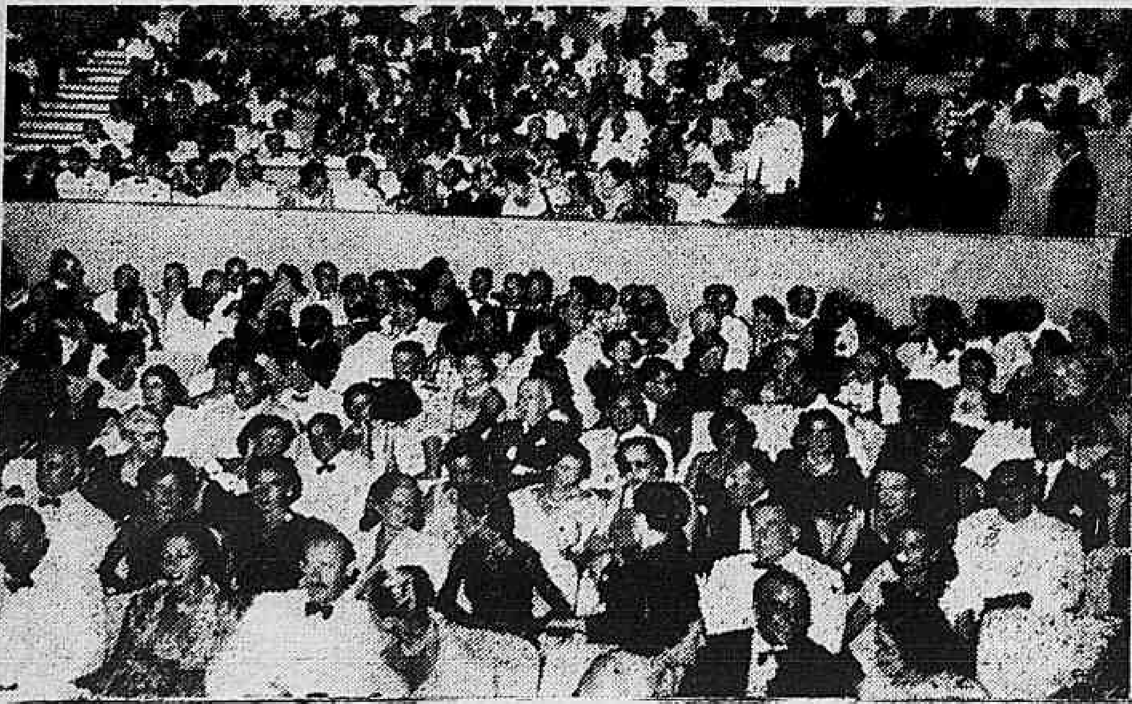
EM PUNTA DEL ESTE

ASPECTOS DO FESTIVAL ★ 50 DIAS PARA A CONSTRUÇÃO DE UM CINEMA ★ FILMES QUE DECEPCIONAM ★ ERROS QUE DEVEM SER EVITADOS ★ IMPRESSÕES DE ALGUMAS PELÍCULAS ★ BOM E MAU CINEMA.

De ALBERTO CONRADO (Exclusivo para A CENA)

PUNTA DEL ESTE, março — A atração que exerce Punta del Este sôbre os turistas em trânsito, coibidos pelo elogio, as exigências e os itinerários préestabelecidos só se explica pela magnificência de sua natureza. A atração que exerce sôbre os ilustres visitantes é enorme, mesmo para os que já freqüentaram os mais prestigiosos balneários europeus.

E' que a sua configuração geográfica, onde se equilibram os elementos naturais e artificiais, une completamente Punta del Este. A península, de subsolo rochoso, penetra audaciosamente no oceano, para que nos seus flancos as magníficas praias Mansa e Brava, ajustem sua cintura de sereia. Depois a edificação senhorial, as excelentes avenidas e o bosque que a envolve por tôdas as partes, misturado com o ar, com o iôdo e o salitre do mar, completaram a prodigiosa estampa que se fixou para sempre na retina do cronista.



Dia de gala na inauguração do Festival

O que mais assombra e fascina em Punta del Este é que não existe um só detalhe que destoe do conjunto. Cada um dos luxuosos bairros que se formaram em seus arredores, tem um sabor e uma modalidade diferentes, apesar de que todos êles foram traçados com um sentido urbanistico digno de um conto de fadas ou de um cenário cinematográfico. E tão paradisíaco lugar tinha por fôrça que ser escolhido para o grande certame cinematográfico aqui realizado com a presença de seis países (Estados Unidos, França, Inglaterra, México, Itália e Brasil. A sede do Festival foi o Cantegrill Country Club, o elegante e aristocrático ponto de reunião verânica da sociedade uruguaia, argentina e brasileira. Junto a êste clube, a Comissão Nacional de Turismo do Uruguai, promotora do certame, fêz construir um bonito cinema para o julgamento dos filmes, cuja edificação levou apenas 50 dias, sendo seu custo de 300.000 pesos-ouro. Além da "boite" Noa-Noa, local dos bailes dos artistas, fizeram-se construir, especialmente para os astros e estrêlas, bonitos "bungalows", com luz elétrica, com cozinheira e arrumadeira que falavam cinco idiomas. Êste Festival, que se repetirá nos próximos anos, anuncia um atrativo turistico de primeira ordem. Assim o entende a Comissão Nacional de Turismo em face das experiências que tiveram os promotores dos conhecidos Festivais de El Lido, Cannes, Veneza, Locarno, Madrid, Bruxelas, etc. O govêrno uruguaio compreende que êste país, na sua qualidade de nãoprodutor e com os elementos tu-

rísticos já montados para atender a enorme afluência de veranecantes nas praias uruguaias, que se juntam a um marco de belezas naturais de imenso valor, está, portanto, em plenas condições para organizar festivais desta natureza. E a idéia resultou. Os hotéis estiveram repletos, o cassino viu aumentarem as fichas de jôgo, os preços subiram enormemente e o lucro dos hotéis, "boites", cassinos, restaurantes e táxis, deve ter sido bastante compensador. Por outro lado, o govêrno deve ter tido prejuízo com o Festival. Pagar as passagens e hospedagens de tôdas as delegações e ainda de centenas de jornalistas e comentaristas radiofônicos não deve ter sido sopa.

Mas, falemos agora pròpriamente do Festival, sôbre os filmes. Não devemos esquecer que um Festival Cinematográfico é fundamentalmente uma competência de filmes. O resto é o conjunto, sob o ponto-de-vista do espetacular ou da propaganda. O vital são os filmes. Com respeito a êstes o Festival tem sido uma desilusão. Não tem havido obras dignas (a exceção de "Céu sôbre o pântano") de um certame desta natureza. Não nos deixamos enganar pelo êxito social e mundano, com festas espetaculares e manjares deliciosos. Existem erros, os quais são indesculpáveis num Festival. Nós, chegando à raiz do assunto e não apreciando pequenos detalhes que, pela sua própria trivialidade, não interessam, reduzimos os erros fundamentais que são necessários corrigir se, na verdade, Punta del Este vier a ser sede de um festival cinematográfico permanente:

1) O Festival tem que estar em mãos de uma só diretiva. A intervenção simultânea de duas instituições, uma oficial e outra privada, que assinaram o convênio público não deve repetir-se porque faltará unidade para a ação; 2) Terá que se corrigir fundamentalmente o errôneo regime que se seguiu na distribuição de entradas. Num F[illegible]val de Cinema, primeiro está o Jurado, logo a Imprensa, depois a indústria cinematográfica (produtores, distribuidores, exibidores, etc.) e, finalmente, em têrmos finais, os convidados.

Em Punta del Este a ordem foi a seguinte: 1) Os convidados com critério oficial, protocolar, social e amistoso, depois o Jurado e por último a Imprensa. Absurdo maior não se poderia ter dado.

Os jornalistas uruguaios e estrangeiros não dispuseram de localidades permanentes porque, devido a exiguidade, a Comissão Nacional de Turismo acometeu aos encarregados de distribuí-las — colegas que sofreram mais do que ninguém — a tremenda tarefa de entregá-las quase que por ordem de chegada. Felizmente, e o pessoal daqui nos considerava uns afortunados, não faltamos a uma exibição sequer. Sempre conseguimos entrada. Mas, perguntem os leitores aos nossos colegas de "O Cruzeiro", Josué Guimarães e Edd Keffel, quantas vêzes entraram no cinema do Cantegril. O mesmo indaguem de Abílio Pereira de Almeida, que confessou-nos ter ido apenas a três funções. Façam falar a Tônia Carrero, e ela vos dirá dos vexames que passou ante os funcionários da Comissão. Êsses fatos não podem repetir-se de forma alguma. Nenhuma das finalidades do Festival se poderá cumprir sem o apoio decisivo da Imprensa e sem o prestígio da presença dos artistas. E a Imprensa tem o pleno direito de exigir o que lhe corresponde. Depois, que venham os amigos e o convencionalismo do protocolo. Cremos firmemente, ter formulado uma crítica construtiva e bem inspirada que, se tomada em consideração com vistas a futuros Festivais, poderá significar, para seu bom êxito, um brilho maior do que a presença de numerosos convidados...

★

COM o ritmo que levaram as coisas em Punta del Este, surgiu êste ano uma sala cinematográfica que bem nos recorda o esfôrço galante do conde d'Artois, que deu a Paris em 1777 a obra primorosa de Bagatelle em 56 dias. Terminada com tôdas as exigências da arte "rococó", esta obra tornou-se a expressão de um século decadente, mas que conhecia a "Arte de viver". Punta del Este nos deu uma emprêsa similar. Em menos de 50 dias foi construído um cinema, uma prova-de-fogo para a técnica de construção. Duas películas foram exibidas neste ambiente, ambas com regular êxito. A primeira, "O ídolo caído", nos apresenta a psicologia de um garôto envolvido numa tragédia. Felipe, o filho de um embaixador, recebe a maioria das iniciações de sua fantasia impressionável através dos contos do mordomo da embaixada, Bianes, homem de bom coração, que quer bem ao garôto, sentimento de que não participa sua mulher, pessoa pouco paciente e incompreensível, que está apaixonada por seu marido com um sentido de domínio total.

A embaixada fica acidentalmente só (a espôsa do embaixador teve que ingressar num hospital; o embaixador teve necessidade de ausentar-se por dois dias) e o garôto fica a cargo do mordomo e sua mulher. Em poucas cenas se apresenta a chave da história.

Com um pretexto, Mr. Baines sai só da embaixada, e o garôto, a quem a má-vontade de Mrs. Baines havia proibido de sair, escapa pela escada de serviço e segue os passos do mordomo, até que o encontra com uma desconhecida tomando chá num pequeno bar. Ali começa a série de mentiras que o menino, de boa-fé no seu ídolo Mr. Baines, se vê obrigado a compreender, através das realidades, desde os contos das caças de feras em África — que êle acreditava reais — até a ocultação dêsse amor secreto de Mr. Baines, que sua mulher deve ignorar.

A tragédia inicia-se quando Mrs. Baines consegue arrancar do garôto a confissão de que seu marido havia estado tomando chá com uma mulher. Sabe também que viria para a embaixada, aproveitando um dia de ausência dela, e planeja surpreendê-los.

O mordomo, que não ama sua mulher e procura separar-se dela e ligar-se definitivamente a Julie, prepara na embaixada essas horas felizes. A mulher os surpreende; têm uma discussão no alto da escadaria de honra da embaixada, lutam ambos, e no afã de que Julie, que está oculta num dormitório, não se veja envolvida no drama, vai levando sua mulher para longe do lugar onde ela se encontra. Num momento de ira, frente à escada, empurra sua mulher que, caindo, morre pouco tempo depois, em virtude de graves ferimentos. O garôto, entretanto, que ouviu todos os gritos, trata de escapar novamente a esta tragédia, mas, pela janela, vê que Mr. Baines empurra sua espôsa. Foge espantado, mudo, pelas ruas, sob a chuva, até que a polícia o detém. Felipe é conduzido à embaixada, onde a polícia, por intermédio do médico da casa que interrogara o garôto, tem conhecimento de que algo de anormal ali ocorre.

E aí está o verdadeiro valor do filme: apresentar-nos um garôto que, por afeto, esquece seu amor à verdade e mente em tôda linha para salvar seu amigo Mr. Baines. A graça e o realismo do pequeno ator Bobly Henrey, que mantém as duas horas de exibição em contínuo interêsse, põe em evidência um problema universal, que é a educação infantil e a necessidade de cuidar dêles, cujas primeiras impressões são as elaboradoras das causas psicológicas por onde mais tarde o homem pautará sua ação. Os atores são excelentes. O tema profundo, a trama policial bastante do gôsto do público inglês, e a direção acertada, como sempre são as de Carol Reed.

★

Quem escreve estas linhas leva a desvantagem de ignorar o original da obra de Pulitzer, de onde foi extraído o argumento. Entretanto, tem podido desfrutar a "Harvey" como criação direta, sem ter na recordação as cenas que forçosamente são sem importância e devem deixar-se de lado no cinema. Dessa forma pode afirmar que viu uma comédia que se desenrola como um puríssimo poema de amor, vivido por um homem bêbado, cuja deformação psicológica faz com que sinta a presença de um ser imaginário que o acompanha em todos os momentos. Não é possível, numa breve e apressada crônica, lograr dar ao leitor a beleza de uma obra que nos faz sentir o espírito shakesperiano no desenvolvimento de suas comédias.

Existe nela o triunfo do humor saxão, da nota cômico-sentimental em quase tôdas as situações e um permanente estado de ternura que envolve os personagens num clima radiante de afetos. Nada mais repulsivo que um bêbado, cuja personalidade se vai diluindo através de um vício que pode ser curado pelas próprias mãos, com o império da vontade.

E nada mais belo que ver a êste



HARVEY
Pulitzer dignificado



STEWART
Dignifica «Harvey»

EM PUNTA DEL ESTE



«SEU ÚLTIMO RECURSO»
John Garfield e Patrícia Neal

bêbado sonhando com seu companheiro inexistente (que êle chama de puko, nome celta de um diabo travêsso), e a quem êle oferece seu lugar de preferência, a passagem nas portas, o primeiro coquetel e lhe carrega permanentemente o sobretudo e o chapéu de sua ausente cabeça. E' como uma alma vagando através de um corpo qualquer. Êste Mr. Dowd consegue num momento dar a sensação clara da "Vida é um sonho", de Calderón, sòmente que aqui é o álcool quem faz sonhar; mas sua filosofia plena de ternura, se transfere para o espectador, principalmente quando êle explica que não conseguiu chegar ao mal, e ainda, quando o agridem e levam para o banho no manicômio, onde sua irmã — desesperada pelo abandono e mansa loucura que lhe impossibilita tôda vida social — o havia feito encerrar, sua alma suavíssima se derrama em palavras transparentes de fraternal emoção.

E, dessa forma, nos vai dando um poema que, no fundo, compreendemos que não é outra coisa senão nossa mesma pobre existência, na qual combatem as duas fôrças numa titânica luta e que, ao fim, só fica como testemunha um pobre ser reduzido, destruído como um campo de batalha. O espectador, entretanto, durante a larga exibição, não deixa de rir um só momento. Parece que o autor não quis fazer outra coisa senão uma comédia e o consegue sob todos os pontos de vista. Nem um só personagem chega ao grotesco, nem as situações são criadas com violência; as damas são, mais que ridículas, antigas, fora de ambiente, chocantes, porém vivem conosco, e isto é tudo o que o autor deseja.

Cobre a fina tela sentimental com um tom humorístico e não esquece o coração que levamos dentro do peito. Um público compreensivo aplaudiu, no final, esta produção americana no Festival de Punta del Este.

★

A Itália, por intermédio de vários filmes de que ninguém tinha referências e que também eram esperados com o maior otimismo, conquistou, a nosso critério, sólidas posições neste Festival Cinematográfico. "Domenica D'Agosto" ("Num domingo de Agôsto"), é um filme dirigido por Luciano Emmer, produzido por Sérgio Aucidel e com argumento e guião de Giulio Macchi e Cesare Zavatini. Sua matéria e tratamento cinematográfico possuem poucos precendentes. A descrição de um domingo de verão tal qual é vivido pelo povo romano, contém formas ideais para a manufatura de um grande filme. O cinema italiano tem mostrado um caminho, um novo caminho no qual se pode encontrar o *cinema* ou no que pode derivar o *cinema*. Nós nos limitamos a constatar que as fórmulas empregadas em "Domenica D'Agosto" são de uma total exatidão e de renovação nos clássicos objetivos do cinema. Poderia ser considerado como um material gráfico reunido ao acaso do que é um dia de veraneio. Existem motivos interessantes e dignos de estudar-se nesta experiência gráfica exposta

por Luciano Emmer. De imediato se tem chegado a obter, com absoluto êxito, alguma coisa que deve ser a máxima aspiração do *bom cinema*. Em "Domenica D'Agosto" não existe argumento, não existe um desenlace, nem tampouco protagonistas.

Conseguiu-se reunir os conjuntos, fazendo-os expressar um mesmo motivo temático através de suas distintas e separadas experiências. Êste árduo trabalho foi conseguido com absoluta mestria sem perder um só detalhe ilustrativo e sem que a continuidade e a estrutura da obra como filme fique em nenhum momento desajustada e incoerente. O documento, fórmula muitas vêzes procurada pelos que aspiram a depuração do cinema, sempre tropeçou com intransponíveis obstáculos que surgem da cordenação, unidade e expressão cinematográfica. Em "Domenica D'Agosto", pela primeira vez, a expressão conjunta é mantida graças a uma prodigiosa montagem e a um conhecimento assombroso da psicologia coletiva. Todos os tipos e tôdas as mentalidades são fugazmente expostas e definidas em rápidos traços. Nada é aprofundado nem merece dedicação, pois o filme cumpre fèrreamente com o que se propõe: dirigir conjuntos sem cair em predileções individuais.

O filme começa pela manhã em Roma. Um cartaz anuncia a hora de saida e entrada do sol, como um detalhe indicativo do espaço de tempo em que há de transcorrer a ação. Logo a câmara, com agilidade vertiginosa, nos vai familiarizando com diversos grupos humanos que se dispõem a procurar a mesma expansão, mas sempre separados em suas vidas, situações e momentos. Um grupo de rapazes em bicicletas, um casal de amantes que leva a filha a uma colônia infantil; uma familia tipica da pequena burguesia que inicia sua viagem em desquartejado automóvel carregado de embrulhos; uma garôta que foge da pobreza de seu bairro, deslumbrada com um aventureiro que a conduz em seu carro para conhecer a vida dos ricos, etc., etc. Todos êsses grupos nos vão sendo mostrados em suas peripécias, nos problemas que deixam atrás e as ilusões que procuram nesse dia de veraneio. Êsses personagens, absolutamente separados entre si e perdidos no nervosismo da grande cidade, por um prodigioso tratamento cinematográfico, vão subindo aos primeiros planos e tomando contato intimo com o espectador, sem perder-se um só detalhe de todos êles. E o que é mais digno de apreciar, chegando a formar no seu afastamento, um conjunto harmônico que não pode já desintegrar-se pela sutileza e inteligência com que tem sido alinhavado.

O espirito do filme é o de ligeira crônica de costumes, tonificada com um são humorismo. Todo o panorama é captado por Lucian Emmer numa definida intenção burlesca que ajuda a não deixar cair nunca na aridez essa história de um dia de veraneio. Mas a burla não é elaborada nem sutil. Surge natural e fortemente das situações. Já durante a partida dessa tipica familia no seu supercarregado automóvel em busca de sol, ilustrada com as lógicas asperezas de tôda excursão, traz a inevitável e grotesca aparição que condensa a graça mais espontânea. Em cada episódio está concretado um rasgo ou uma experiência absolutamente familiar. Nêles, o espectador sente viver ou desfilar a vida, porém, naturalmente cotidiana entre nós e, dessa forma, de não escatimar o grotesco, Emmer nos está conduzindo pelo caminho que lhe é mais necessário para definir o caráter e a ironia em dois equivalentes.

Numa palavra: extrair tudo o que impulsiona a massa e emana dela. "Domenica D'Agosto" deve ser o triunfo mais contundente da objetividade. Nenhuma situação interessa mais, além de sua direta expressão. O que no filme "Primavera", era alusão de sátira, aqui se despe para a descrição. Naquela, o néo-realismo se inspirava em alguns moldes caricaturais, aqui se mantém nas mais grossas formas da realidade. Muitas pessoas que vão ao cinema para recrear seus

(*Cont. na pág. 20*)



Columba Dominguez e Ronaldo Lupi, «L'Herdera», como «Domenica d'Agosto», fizeram boa figura no Festival.

5 MINUTOS COM PATRICIA NEAL



Flagrante colhido durante o coquetel oferecido no bangalô de Neal. Vêem-se o cronista, Patrícia Neal, o diretor Hugo Fregonese e a srta. Mercedes Anchorena, da sociedade uruguaia.

Punta del Este — março — Interessantes declarações sôbre cinema americano nos fez a estrêla ianque Patrícia Neal na conferência de imprensa realizada pela Delegação Americana ao Festival Internacional de Cinema de Punta del Este. Começou a estrêla a demonstrar sua satisfação em estar presente ao Festival. Disse-nos, que sempre teve mêdo de subir ao avião. Mas quando recebeu o convite vôou, vencendo seu temor, para assastir a seu primeiro certame cinematográfico. Com respeito ao mesmo Patrícia disse que é dificil precisar sua importância no futuro, mas na atualidade tem um enorme valor o intercâmbio de conhecimentos entre os representantes dos distintos países. Acredita ser muito boa a idéia de repetir êste Festival todos os anos, porque a gente que trabalha no mesmo metier e cumpre uma missão análoga, deve conhecer-se.

— Patrícia, vimos você na estréia de «Caiçára». Qual sua sincera opinião sôbre o filme brasileiro?

— «E' a primeira vez que tenho notícias de que o Brasil possui cinematografia, apesar de já conhecer Cavalcanti através do filme «Nas garras da Fatalidade», e considerá-lo um excelente diretor. O filme «Caiçára» tem uma invejável fotografia, uma interpretação discreta, porém a história parece desenvolver-se aos arrancões. Quer dizer — apesar de eu não entender português — a imagem ilustrou-me sôbre o drama e conclui que ao filme lhe faltava continuidade».

Perguntada sôbre o que opina acêrca da tendência atual do cinema dos Estados Unidos, Patrícia disse que se está produzindo uma reação depois de uma importante crisis no seu valor artístico. A excessiva mercantilidade, prejudicou a jerarquia do cinema. Aparecia um tema que tinha êxito para o público e já se faziam filmes e mais filmes com a mesma fórmula até exgotá-lo completamente. A indústria, como agravante, não possui normas fixas. Vive-se do êxito presente. Não existe uma continuidade no sentido da produção. Isso pesa sôbre o trabalho dos artistas, que devendo às vêzes, depois de um grande êxito, filmar uma obra de menor qualidade, perdem o prestígio junto ao público. Além do mais, existe outro problema: filmes que marcam uma etapa cinematográfica podem não ser comerciais. E o produtor tem que fazer películas comerciais, pela própria condição. Patrícia Neal confia, entretanto, que êsse período crítico já passou e que se entra num período de atenção para com os plenos valores do cinema dos Estados Unidos. Esperamos que a realidade não contrarie as esperanças e a convicção de Miss Neal. Por nossa parte, só temos a lamentarí que os cinco minutos já passaram e a estrêla se despede de nós num «hasta luego» exageradamente nasal saindo sorrateiramente pela porta dos fundos de seu bungalow, escapando do «safari», a caçada de autógrafos da legião de aglomerados na porta principal da elegante vivenda.

XIV

ALMEIDA JUNIOR

Seu nome verdadeiro é Antônio Augusto de Almeida Jr., mas assina sempre A. A. J. ou Antônio de Almeida Júnior.

Nasceu em Canhotinho, Estado de Pernambuco, Brasil, a 5 de setembro de 1915.

Ainda em criança fixou-se, com a família, na vila do Espírito Santo, no Estado da Paraíba, por isso gosta que o considerem paraibano.

Fêz o curso ginasial no Colégio Diocesano Pio X, de João Pessoa, tendo permanecido como primeiro aluno da turma durante os cinco anos do curso. No colégio foi orador do Grêmio Literário e dirigiu o jornalzinho dos alunos nos dois últimos anos do curso.

Em 1924 rumou para Ouro Prêto pensando estudar Engenharia. Mas acabou formando-se em Direito, sua verdadeira vocação.

Depois de haver experimentado traduzir para jornais e revistas e tentando algumas crônicas, entrou em 1939 para o quadro de redatores de «Don Casmurro» onde trabalhou por três anos.

Considera fator decisivo na sua vida a chance casmurreana, pelas amizades literárias e profanas daí originadas.

Em 1940 surgia no Anuário Brasileiro de Literatura o «Noturno da Vila do Espírito Santo» e mais tarde na revista «Rio-Magazine» o apêlo «Quero uma companheira para o crepúsculo», crônicas que êle hoje lê com saudades. Almeida Júnior é assistente jurídico de um dos nossos grandes Bancos além de cronista e crítico cinematográfico do matutino «A Tribuna» e da revista «Presença».

Recebeu seu batismo cinematográfico no cineminha de Espírito Santo com os filmes de James Jaim Cobert «O Homem da Meia-Noite», William Desmond («O Cavaleiro das Sombras»), Jack Perrin («O Homem Leão»), Elmo Lincoln («Tarzan dos Gorilas»), Art Acord, William Haines, John Gilbert, Laura La Plante, Helen Sedwick, Louise Lorraine, Maria Walcampo e outros.

Acha que o cinema deve ser melhor considerado pelos nossos artistas e homens de letras.

Gosta dos ensaios sôbre a formação histórica, sociológica e literária do Brasil, lendo com assiduidade Tristão de Ataíde, Ronald de Carvalho, Sérgio Buarque de Holanda, Caio Prado Júnior, Afonso Arinos de Melo Franco, Roberto Simonsen, Pandiá Calógeras, J. F. Normano.

Considera de grande importância as coleções «Brasiliana», «Documentos Brasileiros» e «Fondo de cultura economica».

Na ficção de língua portuguêsa «salvaria de um naufrágio alguns livros de Eça de Queiroz, Machado de Assis, Monteiro Lobato, José Lins do Rêgo, Marques Rebelo e Graciliano Ramos. Dos estrangeiros prefere Anatole France, Pirandello, Dickens e Emily Brontë. Também gosta da Bíblia.

Fala e lê inglês e francês.

De música gosta do samba, do frêvo e dos arranjos do maestro Severino Araújo.

Considera-se católico apostólico romano, apesar de não aceitar a rigidez de certos dogmas e ritos da Igreja.

Admite ser o socialismo à única solução para os problemas econômicos, políticos e sociais do mundo, considerando-o, de resto, como irresistível vocação da humanidade.

Sempre levou vida metódica, apesar de gostar das conversas de bar e café, não sendo abstêmio.

Considera o casamento uma instituição necessária, como que o clima ideal para a vida.

E' casado, considerando sua espôsa a perfeita colaboradora na sua vida pública e privada.

De temperamento efusivo, considera-se, entretanto, um tímido irremediável e às vêzes impulsivo.

Não pratica esportes, vai à praia arrastado., mas tem saudades das aulas de ginástica da Associação Cristã de Moços.



Organização de SALVYANO CAVALCANTI DE PAIVA
Charge de JAIMESON

Não gosta muito de acordar cedo, por isso, como dorme sempre tarde, comprou um despertador para corrigir o efeito dêsse «defeito».

Mede 1,56m, pesa bem, tem cabelos castanhos escuros com alguns fios brancos, rosto largo, percoço curto n. 39, calça 36.

Dos diretores vivos considera os maiores: Chaplin, Carné, Duvivier, Clouzot, David Lean, Cavalcânti, Robert Wise, Mark Robson, Fritz Lang e V. de Sica. Considera o cinema europeu o verdadeiro cinema, pelo vigor e seriedade da contribuição dos realizadores inglêses, franceses, russos e italianos. Acha que para o cinema americano não há salvação, a despeito dos esforços dos jovens e avançados realizadores, que acabarão, entretanto, derrotados pela mediocridade da maioria.

Gosta da cozinha portuguêsa, da carne sêca, de feijoada e de uma boa macarronada.

Dos atores vivos destaca Chaplin, Laurence Olivier, Jouvet, Pierre Frenay, Michel Simon, Fredric March, Ronald Colman, Van Heflin, Joan Crawford, Clara Calamai e Aldo Fabrizi.

Mora em Copacabana. Não gosta de rádio.

Acredita no cinema brasileiro. Confia, sobretudo, no talento e na honestidade de Humberto Mauro e acha que devemos lutar, com unhas e dentes pela permanência entre nós de Alberto Cavalcânti, um mestre brasileiro de renome universal, simples e despretencioso, a única esperança de aprendermos a fazer o verdadeiro cinema.

E' contra a violência e, por isso mesmo, é contra tôdas as bombas; inclusive a atômica e as bombas das festas de S. João.

ANTOLOGIA: REPRISES

«A reprise, que via de regra constitui sempre um benefício para um novo público, conta, indiscutivelmente, com um público certo, a sua «velha guarda». Talvez deva-se isso mais ao interêsse sentimental (no bom cinema estão sempre presentes valores poéticos que não morrem) do que mesmo à necessidade de reaver tudo aquilo que nos revelou, em dado momento, uma mais avançada utilização de recursos técnicos e, sobretudo, a descoberta de felizes soluções estéticas. Em verdade, tendo conquistado a preferência popular, em tôdas as suas camadas, dispondo de atração por assim dizer mágica, sôbre os homens e as mulheres de tôdas as raças e condições, o cinema — êsse poderoso e revolucionário veículo de divulgação de tôdas as técnicas, êsse maravilhoso instrumento que traz ao alcance de todos os nossos sentidos as nossas mais ousadas incursões através do mais recôndito da alma humana e das mais desvairadas fantasias — atingiu, em nossa época, indiscutível universalidade. Daí o seu invencível dom de ubiquidade, a sua aceitação pelo homem da rua, a sua presença freqüente nas conversas de lotação, no ônibus, no bonde, na fila, e a sua irresistível penetração em todos os lares, da sala de visita, à cozinha, do «living-room» à «kitchenete», e o seu aparecimento súbito, inevitável e providencial nos misteriosos colóquios dos namorados. E a sua influência, nem sempre superficial mas, às vêzes, até de certa profundidade, em determinados setores da sensibilidade coletiva, parece-nos, sem dúvida, condicionar, de maneira mais ou menos extensa e intensa, as atitudes psicológicas e talvez mesmo o comportamento do homem ou mesmo de certos grupos da comunidade. Com o seu minucioso poder de análise e por suas ostensivas afinidades com o cotidiano — reconstituído através da simples contrafação, do autêntico mergulho em profundidade na alma humana, ou da fuga para o mágico e para o maravilhoso — ensina, sem dúvida a humanidade a falar uma nova língua no seu secreto e eterno monólogo interior. Daí, ao que nos parece, o valor acentuadamente sentimental da reprise. Por isso, revendo o filme antigo estaríamos, sem dúvida, reunindo retalhos porventura dispersos na memória, sentindo reviver em tôrno de nós as idéias, os sentimentos, a poesia do passado, como quem volta a escutar a melodia que nos restitui instantes já vividos, ou como quem aspira de novo o perfume que, de repente, nos devolve, viva e palpitante, uma lembrança perdida».

(«A Tribuna», 10-11-1950).

CINE ROMANCE

Radiomania

(Tradução e adaptação de Antônio Rocha)

Certamente tôda a gente em Glenville, Indiana, tomou conhecimento do prêmio ganho por Bill Lawrence num concurso de rádio, recebendo por ter identificado o Marido Misterioso a bagatela de vinte e quatro mil dólares.

No dia seguinte Harry Summer, secretário do jornal de Glenville, «The Courier», deu manchettes quase tão grandes como as que deu no dia em que terminou a guerra. Muita gente deve ter pensado que ganhar vinte e quatro mil dólares — mesmo em prêmios — deve ser maravilhoso. Mas...

Até êsse fatídico dia, William Lawrence vivia feliz com sua espôsa e dois filhos e trabalhava como gerente de uma das principais lojas da cidade.

Aquêle dia não começou de maneira diferente dos outros. As crianças tomavam o café apressadas para ir para a escola. Amy exminava para ver se o garoto Tommy se esfregara direitinho ao tomar banho e falava devido a outra filha, Phyllis não largar o telefone. William Lawrence também era o mesmo homem que sempre fôra. Metade um inteligente homem de negógios e metade um homem sonhador e que pensava em coisas malucas, como deixar tudo e seguir numa expedição para o Polo Norte com o Almirante Byrd.

Bem, o dia era exatamente como outro qualquer. Exceto, talvez, que era o aniversário de Cynthia Woodruf, a filha do patrão de William e Phyllis se lamentou porque não desejava ir a sua festa. Mas nenhum dos empregados de Mr. Woodruff ousaria enfurecê-lo e muito menos William.

William voltou do trabalho à hora de costume e encontrou Amy na cozinha preparando o jantar e cortando salames, mortadelas para fazer sanduiches, pois aquela era a noite quando os seus amigos viriam todos à sua casa para o usual jôgo de canasta. Nesse momento o telefone tocou e Bill foi atendê-lo.

Vinha sorrindo sòzinho quando voltou à cozinha. Amy perguntou o que era e êle explicou que havia sido a «Federal Broadcasting System», avisando-o para ficar em casa entre nove e dez horas da noite e identificar o «Marido Misterioso», ganhando vinte e quatro mil dólares.

«— Quem era mesmo? — Perguntou Amy, perdendo a paciência.

«— Mabel Spooner fingindo ser uma estação de rádio.» — explicou Bill. Ela era uma das freqüentadoras do jôgo de Canasta. — «Quando êles chegarem aqui eu devo ouvir o programa e fazer um bobo de mim mesmo. Identificar o «MARIDO MISTERIOSO!»

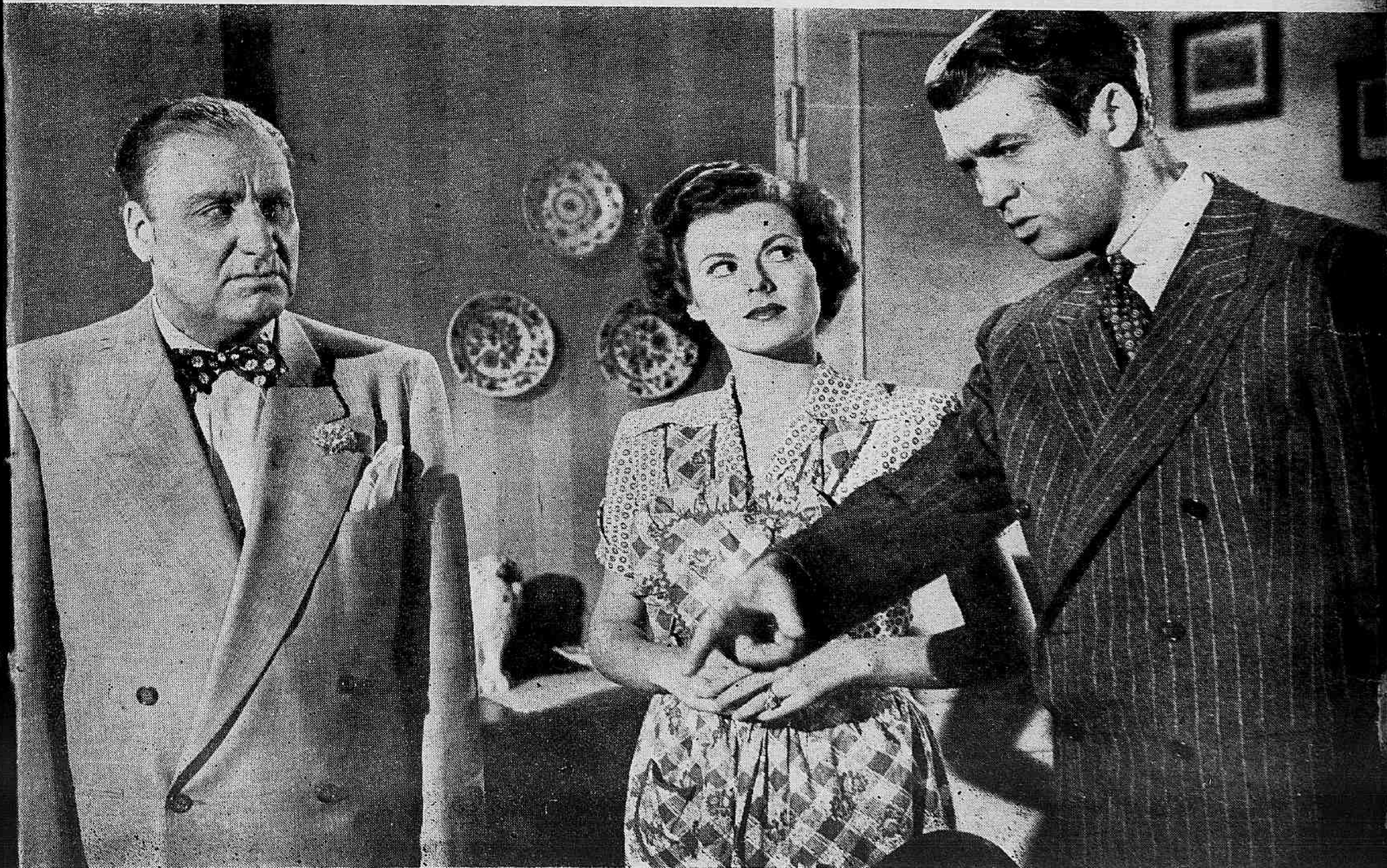
«— Você tem certeza de que não foi mesmo a Federal Broadcasting System?» — indagou a intuição feminina, falando pela bôca de Amy.

«— Como poderia ser a Federal Broadcasting System?» — espantou-se Bill.

«— Êles simplesmente tiram um nome do catálogo telefônico», — respondeu Amy.

Quando os convidados chegaram, Bill não tinha certeza se deveria perguntar a Mabel se ela lhe tinha passado um trote telefônico. Finalmente, contou a história e ante o entusiasmo de todos, ao dizer que recebera um telefonema de Nova York, Bill e Amy também passaram a acreditar na história.

Num instante Bill abandonara o grupo e já estava ao telefone, chamando os amigos que talvez pudessem identificar o «Marido Misterioso». Harry Summers chamou um seu amigo que trabalhava no rádio em Nova





Tommy ficou tão nervoso enquanto Bill respondia ao programa que acabou nessa situação... Mas ficou contente porque o velho ganhou o concurso do «Marido Misterioso».



Havia uma conferência na loja de Mr. Woodruff e Amy lhe telefonava a cada cinco minutos. Ao cabo da décima oitava telefonema, Woodruff já estava a ponto de comer o charuto...

York e êste lhe informou que possivelmente seria Harry James ou Charles MacArthur.

Quando chegou a hora do programa todo o mundo já esquecera do jôgo e estava nervoso como quê.

Imediatamente, segundo foi explicado, êste LarrY Haines primeiro perguntava um enigma de fácil solução e a segunda pergunta era para a identificação do «Marido Misterioso». **Êle chamou outras pessoas que** solveram o primeiro enigma mas sempre se encrencavam no segundo.

Phyllis desceu e começou a chamar a sua amiga Dorothy ao telefone. Bill, quase gritando, tirou-lhe o fone das mãos e Phyllis voltou ao seu quarto, choramingando.

Apenas oito minutos antes de terminar o programa, Bill foi chamado. O filho de Bill, Tommy, ficou tão nervoso que prendeu a cabeça no corrimão da escada. Mas, sem lhe dar importância, Bill respondeu ao telefone.

«— E' Mr. William Lawrence, de Glenville, Indiana? —» Perguntou Larry Haines através do rádio. E, de casa, Bill respondeu nervosamente:

«— Alô, sim, é Mr. Lawrence.»

«— Mr. Lawrence, temos um pequeno enigma para o senhor. Se o senhor o adivinhar, terá uma oportunidade para identificar o Marido Misterioso e ganhar com isso vinte e quatro mil dólares em artigos os mais diversos. Pronto, Mr. Lawrence?»

Bill Lawrence estava pronto e logo um trio de cantoras começou a cantar:

«Vagarosa e firme ela ganha a corrida,
Não quem se gaba de velocidade,
Não foi depressa, a outra devagar,
Mas a vagarosa ganhou, sem cansar».

«— Ela ganha a corrida...» balbuciava nervosamente Bill. — «Ela ganha a corrida...»

«— E' a tartaruga e a lebre!» — Gritou Tommy, ainda preso na escada. Bill repetiu ao telefone:

«— E' a tartaruga e a lebre».

RADIOMANIA

Título original

"The Jackpot"

ELENCO:

Bill Lawrence	JAMES STEWART
Amy Lawrence	BARBARA HALE
Harry Summers	JAMES GLEASON
Mr. Woodruff	Fred Clark
Leslie	Alan Mowbray
Hilda Jones	Patrícia Medina
Phyllis Lawrence	Natalie Wood
Tommy Lawrence	Tommy Rettig
Pete Spooner	Robert Gist
Mabel Spooner	Joan Miller
Fred Burns	Lyle Talbot
Mr. Ferguson	John Qualen

Um filme da Twentieth Centry Fox — Direção de Walter Lang — Produção de Samuel G. Engel — Cenário de Phoebe e Henry Ephron — Baseado num artigo publicado no «The New York Magazine», por John McNulty. — (Tradução e adaptação de Antônio Rocha)

Moral da história: Não atenda ao telefone, senão quizer correr o risco de ir parar na sargeta, perder a mulher, o emprego, envolver-se com ladrões e passar a noite na cadeia...

«— A tartaruga e a lebre! Absolutamente certo, Mr. Lawrence! Agora, se o senhor fôr tão inteligente na segunda pergunta como foi na primeira, os prêmios no valor de vinte e quatro mil dólares lhe pertencem!»

O homem que havia cantado as pistas para a identificação do Marido Misterioso as repetiu. Quando terminou, Bill resolveu tirar cara ou coroa. Foi cara e imediamente Bill exclamou no fone:

«— Harry James!»

E era mesmo Harry James. Ninguém escutou mais para o rádio, pois estavam muito preocupados em dar pancadinhas nas costas de Bill e aproveitar a ocasião para beijar Amy...

★ No dia seguinte os prêmios começaram a chegar. Primeiro: um embrulinho. Dois minutos depois Amy tinha um diamante no dedo. Um homenzinho desceu de um carro que parou em frente à casa dos Lawrences e veio decorar a casa.

Amy quase pôs todo o mundo maluco no trabalho de Bill, que estava em conferência com o patrão, mas não sabia o que fazer com tanta coisa. Chegara um quarto de tonelada de carne... e a pouco e pouco os outros prêmios foram chegando. Um novo trailer... um poldro... artigos em conserva para três anos... árvores no valor de dois mil dólares foram plantadas no jardim... os mais diversos artigos e caixas enchiam a cozinha... geladeira... fogão elétrico... sete mil e quinhentas latas de sopa... uma caminhonete... um piano... chapéus elegantes... às dúzias... uma pintora para pintar o retrato de Bill... mobília... piscina portátil... um trailer.

Bill chegou a casa e ficou no meio dos prêmios, pois o patrão o mandara passar o dia descansando, para que pudesse ter uma conferência com os seus empregados. Com Bill presente não era possível... especialmente em virtude do telefone, que tocava a cada cinco minutos. Enquanto estava ali, meio abobalhada, Leslie o viu e encaminhou-se para êle. Êle já ouvira dizer que teria de pagar imposto de renda sôbre todos os prêmios recebidos e aproveitou a ocasião para perguntar a Leslie se êle sabia alguma coisa a êsse respeito.

Leslie respondeu-lhe que tinha certeza disso. Em Washington existe um «bureau» que toma nota de todos os prêmios.

«— Então por que êles não dizem isso no programa?» — perguntou êle àsperamente.

«— Se êles anunciassem, Mr. Lawrence, não haveria programa».

Assim, duas noites depois, os Lawrences tiveram um visitante. Mr. Ferguson, um perito, leu as últimas regulamentações, segundo as quais, prêmios eram considerados como sendo renda, sendo necessário, por isso, o pagamento de um imposto.

«— Portanto, os seus prêmios ganhos num programa de rádio, além de sua renda anual, menos as deduções legítimas, elevam o seu imposto de renda a sete mil dólares».

Bill ficou amalucado. Como é que ia pagar aquêle imposto, Ganhava anualmente na loja de Mr. Woodruff sete mil e quinhentos dólares e no momento tinha quinhentos dólares no banco.

Quando Amy teve a idéia de enviar ao govêrno os prêmios que não desejavam, mas Mr. Fergunson explicou que o govêrno desejava dinheiro e não objetos.

«— Mas o programa de rádio não nos mandou nenhum dinheiro?» — Objetou Amy.

«— Mr. Ferguson o preço da geladeira, a varejo, é de trezentos dólares. Suponhamos que eu sòmente possa vendê-la por...» — Disse Bill, tentando ser prático.

«— O senhor ainda terá de pagar a taxa pelos trezentos dólares. Êste é o regulamento. E' claro que o senhor poderá constituir advogado e levar o seu caso...»

Era uma injustiça tão grande que Bill se inflamou:

«— De maneira alguma eu posso pagar isso!»

«— Nesse caso, o imposto será retirado diretamente de seu salário». — Argumentou Ferguson.

«— Então eu vou despedir-me da loja e viver tomando sopa». — retrucou imediatamente Bill.

«— Juntariam o imposto ao desta casa».



Por êsse motivo mandou que Bill voltasse para casa. Podia descansar aquêle dia. Em seu lar, o vencedor do concurso do «Marido Misterioso» se viu às voltas com trailer, carne e cavalos...



Foi mandado pelo patrão a Chicago a fim de fazer umas compras para a loja. No final das coisas, Bill ainda acabou passando uma noite no xilindró. Salvou-o o jornalista Harry Summers...

«— Sempre que eu quiser, posso começar um incêndio aqui! O senhor está vendo «aquilo?» — indagou Bill, apontando o trailer. Êle estava mesmo furioso. Quando o tal de Ferguson saiu, êle se acalmou um pouco. — «Talvez não seja assim tão ruim. Venderei uma parte dos prêmios. O açogueiro me ofereceu vinte cents pela libra da carne».

«— E êle a venderá novamente a nós a um dólar!» — Argumentou Amy.

★ Bill só tinha uma saida: vender o material. Das coisas que possuia sòmente não podia vender um retrato e a pintora já chegara a Glenville e se encontrava no hotel, onde estava aparentemente pintando um retrato de Bill. Sim, aparentemente, porque em verdade ela estava fazendo um retrato de Amy, ajudada por uma fotografia e Bill sòmente ia ao hotel para despistar e dizer-lhe quais as côres dos olhos e cabelos de Amy e pequenos detalhes, imperceptíveis em uma fotografia.

Bill andava tão preocupado com o imposto que começou a preparar emboscadas para os fregueses da loja de Mr. Woodruff, a quem queria vender os relógios que trazia sempre no bolso ao invés dos artigos da loja. Mr. Woodruff ficou furioso com isso e Bill ainda aumentou esta raiva quando ofereceu venezianas a uns fregueses que as tinham vindo comprar na loja.

Bill também não mais descansava. Deixava o trabalho e telefonava para Amy, dizendo-lhe que não viria jantar porque ia procurar um homem que tinha uma série de restaurantes e talvez estivesse interessado em comprar setecentas e cinqüenta latas de conserva.

Mas Amy achava que isso era história para boi dormir. Podia ser verdade, mas umas suas amigas lhe tinham sussurrado que em verdade êle estava posando para uma tal de Hilda Jones.

Uma noite, porém, ela resolveu ter certeza do que se tratava e saiu com Leslie para jantar. Quando regressou, acordou as crianças com as suas gargalhadas, que pareciam dizer que descobrira algo. Mais tarde Bill também entrou... na ponta dos pés. Mas, ao subir a escada, esqueceu-se do terceiro degrau e pisou nele. O rangido chamou a atenção de Amy, que apareceu um momento depois com Leslie. Bill indagou o que é que havia.

«— Absolutamente nada. Apenas eu não tinha nada o que fazer e fui jantar com Leslie. Saboreamos um delicioso pato».

Leslie ficou tão nervoso que saiu para o trailer, que era onde estava morando. Quando Bill se viu mais, confuso, Amy explicou a razão daquilo, mencionando que os dois podiam perfeitamente arranjar-se. Ela com Leslie e êle com a tal de Hilda Jones.

«— Esta é a maior piada do ano!» — exclamou Bill. Você vai comigo ao hotel imediatamente. Vou mostrar-lhe uma coisa pela qual você não espera. E quando você vir o que é, vai ajoelhar-se a meus pés e pedir desculpas».

Amy acompanhou Bill ao hotel, mas quando êle bateu à porta do apartamento da pintora, esta veio atender de negligée, sem ver Amy, foi logo dizendo: «Bill-ll-l» sonoramente. Amy não esperou pelo resto.

★ No café no dia seguinte, os dois nem ao menos se falavam. Tommy e Phyllis tinham de ficar correndo de um lado para o outro, um levando recado de um dos pais para o outro. E a situação ainda era pior porque naquele dia Bill tinha de partir para Chicago a fim de fazer umas compras para a loja.

Finalmente os garotos não suportaram mais e Phyllis indagou:

«— Vocês dois vão divorciar-se? Sim, porque temos o direito de saber... Tommy e eu.»

Bill não estava muito alegre àquela manhã:

«— Você será uma das primeiras a ser notificada.»

«— Não graceje, papai, —» disse Phyllis sèriamente, — «pois as crianças são as verdadeiras vítimas de lares que se desmoronam. Quando os pais estão sempre discutindo isso tem um sério efeito nas crianças e pode modificar a sua personalidade mais tarde na vida».

«— Algumas vêzes,» — disse Bill levantando-se, — «eu chego a pensar que você seria favorecida com uma troca de personalidade».

★ A viagem de Bill não foi das mais divertidas. Antes de deixar Glenville, Harry Summers lhe informou que tinha um amigo em Chicago que talvez comprasse alguma coisa. Por isso, ao chegar em Chicago Flick Morgan — assim se chamava o amigo de Harry — foi a primeira pessoa a quem Bill procurou. No entanto, a loja de Mr. Flick Morgan, um bookmaker, ficava atrás de uma bomboniere, para despistar a polícia.

Era nesse local que Bill se encontrava, mostrando um anél de diamante a Mr. Morgan, quando se efetuou um «raid» policial. Mr. Morgan pulou por uma janela, mas Bill caiu nas garras da polícia e passou a noite na cadeia.

Os policiais não quizeram acreditar que Bill tivesse ganho um prêmio radiofônico e não enguliram a explicação que êle deu por conduzir tantos relógios em seus bolsos. Supunham-no como um dos elementos da quadrilha de Morgan.

Finalmente, depois de êle ter gritado um bocado sôbre os seus direitos como um pagador de impostos de renda, deixaram-no telefonar para Mr. Woodruff. Mas Mr. Woodruff disse ao capitão que não tinha nenhum William J. Lawrence em seu livro de empregados!

De qualquer maneira, a manhã finalmente chegou — manhã do aniversário de casamento de Bill e Amy — e com ela veio Harry Summers, que provou que a história de Bill era verdadeira. Harry sabia porque Flick lhe tinha telefonado. Foi êle quem levou Harry de volta a Glenville.

A família estava jantando (e conversando muito pouco), quando Bill chegou a casa. Um freguês estava tocando um boogie-woogie no piano. Bill apareceu gritando um saudável:

«— Feliz aniversário!»

Amy, como tôda mulher, não demorou muito a sentir o cheiro do whiskey e levantou-se da mesa imediatamente.

«— Vão para cima.» — Disse aos garotos.

Quando Tommy e Phyllis haviam abandonado o recinto, Bill mostrou um bouquet de rosas que tinha escondido às costas.

«— Amy, é para você... Que tal se celebrássemos com um aperitivo?»

«— Parece-me que você já celebrou sòzinho. Mais do que celebrado.»

«— Mas êste é o nosso aniversário de casamento, mamãe! Temos de...» — então Bill notou as transformações efetuadas. Leslie havia retirado os espaldares de sua cadeira favorita; puzera móveis brancos como de enfermaria na copa, onde êle tinha a sua coleção de «peixes embalsamados» e as suas espingardas.

Bill compreendeu logo depois o que se passara. Primeiro, ficou fulo de raiva e quiz dar uns murros em Leslie. Mas nesse instante o pessoal da loja e os amigos apareceram em tudo quanto era janela com presentes. Bill mudou de idéia e saiu logo depois carregando duas enormes valises de roupa.

★ Bill passou aquela noite na redação do «The Courier», bebendo. Êle andava com um bocado de azar ùltimamente. Primeiro, ganhara um concurso de rádio. Depois, brigara com a mulher e tivera de dormir na garage. Em seguida cadeia. Agora, a redação de um jornal.

Quando Hilda Jones chegou a casa dos Lawrences na manhã seguinte, as coisas não andavam lá muito boas. Trazia o retrato que fizera consigo, e insistiu em entregá-lo a Amy.

«— Não creio que ainda estejamos recebendo prêmios,» — avisou-a Tommy, mas quando Amy viu o seu retrato, perdeu até o jeito de falar.

«— Sei que o próprio Bill queria entregá-lo a senhora. Mas quando fui a loja Woodruff me informaram que êle não trabalha mais lá. Bill não está em casa?»

«— Eu não sei onde êle está...» — respondeu Amy, envergonhada de si mesma.

«— Então é assim que está a situação, hein?» — exclamou Hilda pensativamente. — «Mrs. Lawrence, a senhora estava enganada a respeito de Bill. Êle a ama muito e, em seu caso, eu pensaria cuidadosamente».

Hilda saiu, pois o seu trem partia dentro de meia hora. Leslie também pareceu compreender o mal que fizera e deu o fora àquela manhã. Sòmente a família estava em casa quando Bill apareceu... mais um advogado que estava na sala de visitas, esperando-o. Amy sabia que se tratava de um advogado a fim de tratar dos detalhes do divórcio.

Logo depois Bill chegou. Arrumara as malas às pressas e a maior parte das coisas na valise eram roupas de Tommy. Pelo menos foi o que

(Cont. na pág. 20)





ADELE

EM Highland Park, cidade de Mic
laide Delgado era considerada
apenas dez anos de idade já era
escola de danças. A escola era locali
sidência de seus pais e seus alunos
formavam uma classe com o elevad
Adelaide Delgado tinha então, cab
escuros. Seus pais nasceram na Es
manejar a língua espanhola ao me
primeiras palavras em inglês.

Agora, entretanto, ela é conhecid
anos de idade, mudou o seu tipo p
para transformar-se em atriz dram

Mas, voltemos aos dias de High
prando um bilhete para ir ao cinem
dava direito a uma lição grátis de d
ir ao cinema e à lição de dança vol
convicção: daquele momento em d
teatro. Contava ela então oito anos

Dois anos mais tarde já era profes
tação como dançarina perfeita e esp
las era tão grande que chegou aos
nessa época, tocava no salão de ja
audição foi arranjada e Cugat pro
emprêgo logo que ela tivesse idade
sua orquestra. Justamente um ano
terminado seus estudos secundários,
para financiar sua viagem a Nova
maestro ainda se lembrava da prome
se sim, como não? E assim ela to
da orquestra de Cugat, em seu segu
cidade. Sob contrato exclusivo com
com sua orquestra nos mais famos
algumas tentativas para que os f
com seu nome, Cugat fêz com qu
Adelaide Delgado, batisando-a como



MARA!

gan, há dez anos atrás, Ade-
uma menina prodígio. Com
professôra e diretora de uma
ada na sala-de-visitas da re-
os pequenos da vizinhança,
número de doze alunos.
os prêtos e cintilantes olhos
anha tendo ela aprendido a
mo tempo que aprendia as

como Adele Mara, conta 21
a loura, e deixou o bailado
ica.

and Park. Certa vez, com-
por 25 centavos, e que lhe
nça, Adelaide Delgado, após
ou para casa com uma firme
nte a sua ambição seria o
le idade.

ôra e aos 15 anos, sua repu-
cialista em danças espanho-
vidos de Xavier Cugat que,
tar do Detroit Hotel. Uma
teu à jovem dançarina um
uficiente para viajar com a
mais tarde, depois de ter
ela pediu à sua progenitora
rk a fim de verificar se o
a que lhe fizera. Lembrava-
ou-se a dançarina principal
do dia de estada na grande
Cugat, ela cantou e dançou
lugares do país. Depois de
gueses ficassem habituados
ela desistisse do nome de
Adele Mara.

(Cont. na pág. 20)





A MODA DE PARIS $5

uma publicação da revista do globo s.a.

À VENDA
em tôdas as Bancas

VER PARA CRER

(Cont. da pág. 6)

"Comprador de Fazendas", de Monteiro Lobato, está sendo iniciada sob a direção de Pieralizi, com Procópio Ferreira e Henriette Morineau.

"Meu Destino é Pecar", de Suzana Flagg, começará a rodar a 4 de abril próximo, em co-produção com Manuel Pellufo — tendo a direção do mesmo.

"Última Noite" já tendo pronta a enquadração. Cenário de Alex Viany, direção de Rugero Jacobbi. Filmagem será iniciada em maio.

"Duas dúzias de Rosas Vermelhas", versão brasileira da obra de Aldo De Benedetti, também já tem a enquadração pronta. Diretor: Alberto Pieralisi.

Outros filmes já encaminhados: "O Inimigo foi Vencido", direção de Gino de Santos-Carlos Ortiz; "Amanda", de Sérgio Britto; "Raio de Sol", de Guilherme Figueiredo e Genolino Amado; "Sangue na Estrada", de Alex Viany, e "Carnaval", de Vão Gôgo.

CABELOS BRANCOS
só tem quem quer
JUVENTUDE ALEXANDRE
USA E NÃO MUDA,
quem os não quer
Juventude Alexandre
BELEZA E VIGOR DOS CABELOS

CONCLUSÃO

Como se vê, a Maristela está em franca atividade. Para isso, não poupou esforços em contratar pessoal competente, em comprar aparelhamentos, em construir seus estúdios, em movimentar tôda essa gente. Todos ali dentro trabalham com satisfação e demonstram um desejo de vencer. Organizaram-se de tal forma que pouco mais lhes falta.

Acabou-se o sistema de juntar níqueis para aventuras cinematográficas. A Maristela, ao que parece, é uma realidade concreta. Seus filmes começarão a jorrar nas telas dentro de muito pouco tempo. Ninguém descansa. Nasce uma verdadeira indústria de cinema — e sua raiz está em São Paulo.

EM PUNTA DEL ESTE

(Cont. da pág. 13)

olhos e deleitar-se com seu determinismo estético, tem feitos reparos aos recursos de "Domenica D'Agosto" pelo feito de exibir sêres desagradáveis em traje de banho e mostrar deformidades que, segundo êles, não havia necessidade de ver. Possìvelmente, a idéia de Luciano Emmer não seja a de contemplar a êsses detratores de seu filme e pode alegar, entretanto, que não existe no seu filme um só momento de benevolência para com o vulgar, nem tampouco um desafiante alarde aos puros convencionalismos. Simplesmente, usa os personagens que necessita para não deixar-nos sua idéia original e sòmente dêsse indeclinável afã pôde "Domenica D'Agosto", ficar com todos os lauréis que lògicamente deveria ter conquistado. O filme termina ao anoitecer e a câmara, depois de seguir a fragorosa e apertada caravana que volta da praia para a cidade, se eleva e abandona seu objetivo tomando contato com o céu.

A missão terminou. A de seguir uma cidade no seu dia de veraneio através de sua infinidade de experiências. Mas já um grande ensaio foi obtido ante nossos olhos e um conceito tem sido nitidamente alcançado. Se estabeleceu que o cinema pode prescindir de muitas coisas que o adornam e asfixiam. De como o homem pode viver ante as câmaras sem significar um problema, sem complicar-se com a aventura, o drama ou a poesia.

INTERCÂMBIO

ACHA-SE há três semanas no Rio de Janeiro, vindo de Roma, o senhor Gianni Pons, produtor e diretor italiano, que tenciona realizar, entre nós, alguns filmes. Já foram entaboladas negociações, em vias de conclusão, para que ditos filmes, a serem rodados inteiramente no Brasil, com atores nossos, sejam exibidos também na França e na Itália, onde serão distribuidos, respectivamente, pela Société des Films Lutétia e pela Fiduciara Cinematográfica.

Já foram escolhidos os argumentos dos dois primeiros filmes da produção brasileira do senhor Gianni Pons. Um dêles, de caráter moderno e cômico, foi escrito por Mário da Silva, que também participará de sua cenarização. O título provisório dêsse celulóide é «Precisa-se aeromoça». Trata o argumento de assunto ligado à nossa aeronáutica civil e exigirá, também, a colaboração de famosíssimo crack do futebol carioca e de seu team. Para a escôlha da «estrêla», um concurso especial será organizado entre as «hostesses» de uma grande linha nacional de navegação aérea.

Para o segundo filme, cujo título provisório é «A grande luz» e que terá por argumento um episódio de caráter histórico, tenciona o senhor Gianni Pons pedir a colaboração, no papel de principal intérprete masculino, do ator Rodolfo Meyer, que êle viu recentemente representar em um dos nossos teatros cujos dotes excepcionais teve ensejo de admirar e que lhe parece talhado para o papel, de caráter dramático. Dêsse argumento, cuja cenarização está sendo levada a têrmo nestes dias, damos aqui um resumo em forma de novela.

RADIOMANIA

(Cont. da pág. 17)

le explicou a Amy. Então ela o avisou que um advogado o estava esperando. Êle saiu para a sala de visitas.

Amy estava esperando, nervosa, quando a campainha tocou novamente. Ela foi atender e ficou surprêsa ao encontrar Mr. Woodruff. Êle desejava falar com Bill e ela o mandou esperar na sala de jantar.

Logo depois o advogado saiu e Bell veio em direção a Amy, abobalhadamente: Tinha as mãos cheias de dinheiro.

«— Amy! Cinco mil dólares...» As suas palavras atropelavam umas as outras. Segundo êle esclareceu, Flick perdera o anel que estava examinando durante a fuga. Mas, sendo honesto... e porque Bill não havia aberto a bôca para a polícia... êste Flick mandara um advogado trazer-lhe cinco mil dólares como pagamento pelo anel perdido. — «Estamos salvos. Agora podemos pagar os imposto! e eu que pensei que aquêle fôsse o seu advogado, Amy!»

«— E eu pensei que fôsse o seu!» — Amy já estava novamente em seus braços.

Nesse momento Mr. Woodruff apareceu.

«— Desejo falar com você, Bill. Foi apenas de brincadeira que eu disse a polícia que...»

«— Então é aquêle o seu senso de humor?» — gritou Bill. — «Bem, eis uma lembrança do meu senso de humor.» — Bill deu um murro em Mr. Woodruff com tanta fôrça, que êle caiu, perdendo os sentidos.

Nesse momento o telefone tocou. Era um dos empregados da loja, um amigo de Bill, para dizer que Mr. Woodruff desejava que êle voltasse à loja como vice-presidente. Também, avisou o amigo, Bill, se quisesse, poderia conseguir um gordo aumento.

Então a razão pareceu penetrar no cérebro de Bill e êle gritou:

«— Mr. Woodruff! Mr. **Woodruff**!» — Mas Mr. Woodruff estava sem sentidos. Amy correu à procura do sais (será que isso não veio com os prêmios?)

Mas Bill não precisava ter-se preocupado tanto. Quando Mr. Woodruff voltou a si e Bill lhe falou nas duas semanas de férias que constavam como parte dos prêmios, Mr. Woodruff nem ao menos o deixou terminar:

«— Bill, tire três semanas!»

No momento, Bill e Amy devem estar passando as três semanas de férias no Waldorf Astoria. Graças a Deus êles não têm telefone no apartamento em que estão no hotel. Se acaso o telefone de Bill fôsse novamente sorteado. — (Deus nos livre!) — é certo que Glenville, Indiana, não suportaria...

ADELE MARA!

(Cont. da pág. 19)

Úm dos muitos caçadores de talentos que viajam pelo pais viu-a certa vez, e sugeriu-lhe que fizesse um teste cinematográfico. O resultado foi um contrato para filmar, com a condição especificada de sòmente atuar e não dançar.

Isso foi há quatro anos atrás. Desde então ela veio se desenvolvendo em pequenos papéis, passando depois para interpretações de categoria e até que alcançou definitivamente o estrelato.

Cada sucesso que Adele Mara vai alcançando nos filmes, mais os seus cabelos vão ficando claros. A princípio os «camera-men» alegavam que êles eram por demais prêtos para fotografar bem. Ela clareou-os um pouco, e assim foi continuando até à tonalidade que se vê em «Fúria dos Pele-Vermelhas», o seu próximo filme. Miss. Mara tem 1,58 de altura e pesa 50 quilos. Vive em Hollywood com seus pais e irmão mais moço; está atualmente noiva do astro Forrest Tucker e ocupadíssima com o seu enxoval. O seu maior desejo, no momento, é dançar num filme, embora a Republic, o estúdio que a prende sob contrato por muitos anos, tenha grandes planos em papéis dramáticos para ela, tendo já começado a realização dêsses planos com «Iwo Jima», «A Vingança de El Mocho» e «Fúria dos Pele-Vermelhas», os dois últimos ainda inéditos no nosso país.

A SECRETÁRIA DO . . .

(Cont. da pág. 30)

«— Então foi por isso que você me trouxe aqui? Cento e cinqüenta milhas para ver um grupo de estudantes representar a sua peça?»

Paul deu de ombros e puxou Alex para um ponto onde êle pudesse ver a platéia. Alex se espantou ao ver expressões conhecidas:

«— Oh, ali está o banqueiro Corton e Willowhby, e...

«— Dezoito milhões de dólares naquela fileira. Mais do que o necessário para encenar **Mr. Music**.»

«— Paul,» — disse Alex tristemente. — «Sei que você teve boa intenção. Mas com crianças... amadores! Como poderá dar certo?»

Nesse instante Groucho Marx e Gower Champiom apareceram.

«— Groucho Marx?!» — Espantou-se Alex. — «O que você está fazendo aqui?»

«— Que abelhudo!» — Retrucou Groucho. — «Acaso lhe perguntei o que você está fazendo aqui?»

Alex estava completamente desconcertado.

«— Ali está Dorothy Kirsten, do Metropolitan!» Exclamou êle. — «E... e... os Merry Macs! Êles vão trabalhar na peça?»

«— Apenas hoje. Como um favor a você!»

Alex, fraco de emoção, resolveu ir procurar um lugar.

E Alex foi sentar-se na frente, para ver o melhor show de sua vida. O problema do «anjo» deixou de ser problema. O problema foi saber qual dêles financiaria a peça.

Até Tippy Carpenter fez uma proposta e a razão era simples. Paul foi descobrir Lorna nos bastidores, usando um anel de noivado de quarenta e oito mil dólares, dado por Carpenter.

«— Eu... eu...» — tentou explicar Lorna. — «eu tive umas conversas com Tippy e compreendi que não posso interferir em sua carreira». — Assim, Lorna quebrava o seu noivado com Paul. Mas êle não deu muita importância ao fato. Nem deu importância a Tippy Carpenter quando êle se retirou em companhia de Lorna.

Pouco depois, Kate se encaminhou para êle com o simples anel de noivado que Paul havia comprado para Lorna.

«— Miss Marvis pediu-me para devolver isto». — Ela soergueu os olhos confiantemente para êle. — «E' imprescindível?»

«— Você sabe, é um anel de noivado».

«— Paul!» — Exclamou Kate deliciosamente contente, enquanto punha o anel no dedo. — «Você me fez muito feliz».

«— Espere um minuto...» — disse Paul. Então, ponderando os prós e contras do passo que estava a ponto de tomar, inadvertidamente encostou-se ao cenário: — «Talvez casamento não seja muito bom para um atleta.» — Repentinamente êle segurou Kate, tomando-a em seus braços, enquanto ela sorria de felicidade. — «Mas... eu corro o risco.»

VINCENT
PRICE
(Paramount)



Tudo começou quando Paul assinou uma doação de cinco mil dólares a Universidase de Lawford — sem ter dinheiso...

"A SECRETÁRIA DO MALANDRO"

Tradução e adaptação de ANTÔNIO ROCHA

A «VARIETY» anunciava que na próxima primavera Conway apresentaria uma nova revista, com o score musical, letra e música, escrito por Paul Merrick.

A última coisa no mundo que Alex Conway gostaria de fazer era acompanhar o compositor a uma visita à universidade onde êle fizera os seus estudos, e êle não escondeu êste fato, quando disse sonolentamente de seu beliche no trem, para Paul:

«— A última vez que você fez uma viagem de uma noite regressou através da Noruega! E eu tinha um teatro vazio e trinta atores esperando!»

«— Descanse, Paul», — acalmou o compositor. — «Garanto-lhe que vou escrever esta revista. Eu era preguiçoso, mas não mais posso ser. Estou quebrado».

«— Quebrado?» — retrucou Alex incredulamente. — «Um homem que fez tanto dinheiro? Como você estar **duro?**

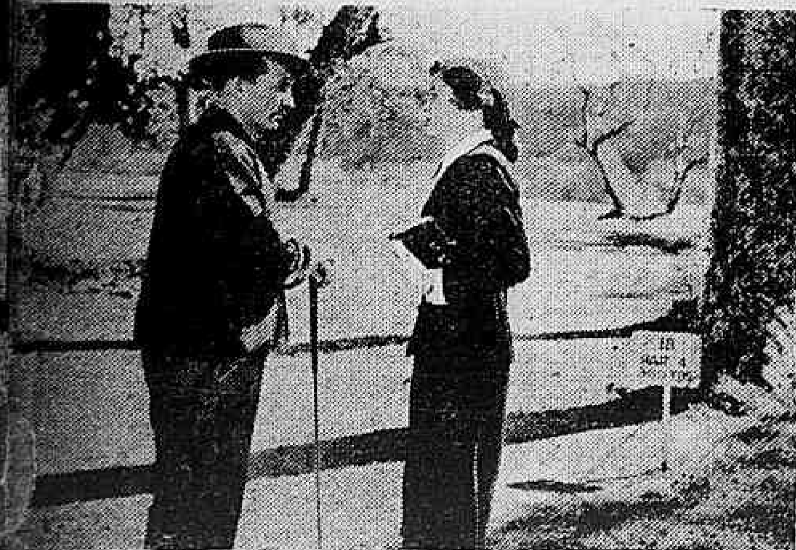
«— Não foi fácil, acredite-me.» — admitiu Paul. «Mas, através de gastos conscienciosos e diligentes eu logrei ficar **teso**».

Conway surpirou:

«— Um homem com o seu talento!» — Êle parecia pensativo. Então, exclamou: — «Paul, gosto de você como quem gosta de um filho...»

Mas Paul Merrick, o talentoso e encantador, e o eternamente preguiçoso, não estava disposto a encetar uma conversação que tratasse de finanças. Especialmente as suas. Por isso, virou-se para Alex e deu boa noite, novamente virando-se. Desta vez para dormir.

Mas, Paul foi assomado por uma repentina



Por isso tinha de trabalhar e assinou contrato com Alex Conway para escrever uma revista. Mas era muito preguiçoso. E o patrão lhe deu uma secretária, para controlar as suas despesas e fazê-lo trabalhar...



Paul conseguiu escrever a revista chamada «Mr. Music», a maior produção de sua carreira. Mas — descobriu — não havia dinheiro para pô-la em cena...



Mas os artistas vieram em seu socorro e deram uma representação para mostrar aos capitalistas. Dentre êstes se encontravam os «Merry Mac» e Groucho Marx. Foi um sucesso. E êle se apaixonara pela secretária...



onda de sentimentalismo na universidade, e não pôde dizer não, quando uma bela moça de seus vinte anos lhe pediu uma doação de cinco mil dólares para a universidade. Sentimentalmente, sem outra saída, êle disse, pois não se lembrava de que não tinha dinheiro. Quando se lembrou, só tinha uma coisa a fazer: pedir um adiantamento a Alex Conway, em troca da partitura da revista que ia escrever.

«— Três fracassos consecutivos...» — suspirou Alex — «E um sucesso que me fez perder trinta mil dólares. Se ao menos eu tivesse certeza de que você vai mesmo trabalhar.»

«— Você poderia contratar um guarda para me vigiar,» sugeriu Paul. — «Ou talvez uma corrente para me prender ao piano».

«— Eu prefiro o guarda. Oh, não um guarda verdadeiro. Apenas alguém para assegurar que você trabalha mesmo. Uma secretária.»

«— ótima idéia,» — concordou Paul. — «Aqui está a sua caderneta de cheques».

Alex soergueu a mão.

«— Primeiro, precisamos fazer um acôrdo, Paul. Dou-lhe quinze mil dólares. Você me dá a sua palavra de que trabalhará. E a secretária o ajudará a fazer o seu trabalho. Serve?»

«— O que eu não sou capaz de fazer por dinheiro!» — disse êle, estendendo a mão.

Alex falou ao ditafone e poucos instantes depois uma moça entrou na sala. O seu nome era Kate Holbrook e era a mesma moça que pedira a Paul uma doação de cinco mil dólares para a universidade.

Paul estendeu a mão para receber o cheque e uma expressão de surprêsa se espalhou em sua face. O cheque estava com o nome de Kate. Alex deu uma explicação:

«— Dêste modo é melhor, Paul. Enquanto você estiver trabalhando, ela pagará as suas despesas essenciais. **Enquanto você estiver trabalhando!»**

«— Velho amigo,» — começou Paul, num agradecimento de mofa,» — palavras não podem expressar o meu sentimento por tudo isto...»

«— Mr. Merrick,» — interrompeu Kate delicadamente, — «sinto-me como se estivéssemos perdendo tempo. Compreendo que o seu trabalho é feito em casa. Vamo-nos?»

Neste momento a porta foi aberta violentamente, por ela entrando uma criatura verdadeiramente vivaz — Lorna Marvis — que caminhou diretamente para Paul, enquanto exclamava:

«— Querido!»

Um momento e uma dúzia de beijos depois, Paul saiu com Lorna, que lhe trouxera o amor de tôda a gente em Londres e o seu pessoalmente, indo ambos fazer uma refeição no Ritz. Êsse hotel ficava mais próximo de uma loja de penhores e Paul tinha o carro cheio de antiguidades e objetos para empenhar.

(Cont. na pág. 27)

Título original:

"Mr. Music"

ELENCO:

Paul Merrick	**Bing Crosby**
Kate Holbrook	**Nancy Olson**
Alex Conway	**Charles Coburn**
Lorna Marvis	**Ruth Hussey**
Jefferson Blake ...	**Robert Stack**
Haggerty	**Tom Ewell**
Tia Amy	**Ida Morre**
Mr Dauforth	**Charles Kemper**
Tippy Carpenter ...	**Donald Woods**
Jerome Thisby	**Claude Curdle**
	Marge & Gower Champion
Êles mesmos	**Groucho Marx**
	Dorothy Kirsten
	Peggy Lee
	The Merry Macs

Um filme da Paramount Pictures — Produção de Robert L. Welch — Direção de Richard Haydn — Cenário de Arthur Sheekman — Sugerido por uma peça de Samson Raphaelson

A secretária finalmente conseguiu fazer com que êle se sentasse ao piano para compor. Mas — descobriu — êle fingia-se de preguiçoso com mêdo de um fracasso...



CUIDE DO SEU MARIDO

ALBERTO (Fernando Soler), advogado, homem de uns quarenta e tantos anos, porém sempre à caça de uma conquista feminina, tem como espôsa Rosário (Blanca de Castejón), uma santa mulher que crê sempre nos «compromissos» e nas «juntas» que tem seu marido, com destacados homens. Como dona de casa, Rosário é um excelente modêlo, sabendo fazer maravilhosamente deliciosos «quitutes». Isto não impede que Alberto namore Alícia (Hilda Sour) uma estonteante ruiva, que é amiga de Rosário. Porém, Alberto tem outra grande «dor de cabeça», e esta não é nada menos que uma empolgante brasileira, estrêla de uma companhia de revistas que atúa com grande êxito num teatro da cidade. A chegada de





CINEMA MEXICANO

Fortunato ao México, de regresso de Paris, é a causa indireta de Alberto sentir sua vida envolta por embaraços, já que o Fortunato, seu grande amigo, aconselhando-o a fugir de Helena, a «estrêla» teatral a fim de melhor dedicar-se à Alícia! — sugere que se envie um anônimo à artista, previnindo-a de que a espôsa de Alberto e tremendamente ciumenta e capaz de uma tragédia se descobrir os amôres ocultos do espôso. Com efeito, assustada, Helena pede a Alberto que a esqueça por umas semanas a fim de melhor dedicar-se à espôsa ciumenta. Felicíssimo, êle comunica os resultados a Fortunato. Chega, então, Cândido, um empresário argentino que anda à procura da espôsa para pedir-lhe o divórcio. Esta é nada menos que Helena, que êle conhece pelo nome de Aurora. Como Cândido acudira Alberto para solicitar seus serviços de advogado e para que o ajude localizar sua espôsa. A situação de Alberto se torna mais difícil e se transforma numa grande confusão, quando Helena, havendo descoberto as argúcias de Alberto, decide empregar-se como copeira da casa dêste, fazendo-se chamar por Maolovia. Alberto chama Fortunato a sua casa, para que êste o ajude a convencer Helena que se vá, porém resulta que Fortunato foi namorado de Helena, em Paris, e não quiz induzí-la a ir-se, pois assim êle estaria mais próximo de Helena. Cândido, o marido de Helena, convidado por Alberto para comer em sua casa, tem a grande surprêsa de vê-la como copeira de Alberto; Alícia, por sua parte, descobriu que a tal de Maolovia não é outra, senão a famosa Helena, a bela «vedette» e sua rival nos amores com Alberto. Enquanto isso, Rosário seguindo os conselhos da copeira, começa a vestir-se bem e ficar com um ar mais distinto e respeitável, para atrair mais o seu marido. Ao final, Helena e Alícia, para vingar-se de Alberto, se reconciliam e o fazem escrever astutamente uma carta amorosa dirigida a Alícia, carta que farão chegar a Rosário se Alberto não jurar não voltar a enganar a sua boa espôsa. Com isto e com a transformação de Rosário, Alberto não tem outro remédio a não ser o abandono das conquistas para um lado. E Helena e Cândido se reconciliam, quando êste lhe oferece levá-la a Buenos Aires, como estrêla da companhia de revistas que contratou.

Direção: FERNANDO SOLER

Personagens:

Elena ...... LEONORA AMAR
Alberto .... FERNANDO SOLER
Rosário .... Blanca de Castejón
Alícia ...... Hilda Sour
Cândido .... Alejandro Cianghuerotti
Fortunato .. Antônio Bravo

Uma produção de Produciones Mexico S.A.

CARLOS LOPEZ MOCTEZUMA

Um dos artistas que maior destaque possuem, no cinema mexicano é CARLOS LOPEZ MOCTEZUMA, pois sua especialidade é em papéis de «vilão», muito embora seja na realidade um homem bom e honesto.

Nasceu em novembro, no dia 19, na cidade do México. Sua família o fez cursar a carreira comercial, mas sempre teve pendores para a arte da interpretação. Não demorou muito e, em 1932, estreiou como ator no grupo experimental que era dirigido por Celestino Gorostiza e que era conhecido pelo nome de «Teatro Orientação».

Guiado por Fernando Soler, Carlos Lopez Moctezuma ingressou no cinema e o primeiro filme que tomou parte foi em «Dois Cadetes», ao lado de Fernando Soler, Julian Soler e Sára Garcia. Desde esta época até o presente momento já figurou em mais de setenta e cinco películas, interpretando em quase tôdas elas o papel de «vilão».

Dentre seus vários filmes destaca-se «Rio Escondido», da Palmex, onde ladeia Maria Felix e Fernando Fernandez e onde faz um papel de um homem desprezível e miserável e que quer a qualquer preço, o amor de Maria Felix que o odeia.



NOTAS

Produciones Rosas Priego lançou sua estrêla exclusiva, Rosa Carmina, a inesquecível artista de «Tânia, a Bela Selvagem», em um papel inteiramente distinto. Rosa Carmina, que possui apenas 21 anos, apesar de ser uma moça de bons costumes, até hoje só tinha representado papéis de «vamp». Êste filme que Rosa Carmina estrelará tomou o título de «Lata Vida».

★

«Monte de Piedad», a película que será iniciada a rodagem e que contará com a direção de Carlos Vejar, possui oito argumentos diferentes e conta com um elenco de grandes astros da constelação azteca, como sejam: Armando Calvo, Miroslava, Carlos Lopez Moctezuma, Carmen Montejo, Tito Junco, Emilia Guiu e Jorge Mistral.

★

A notícia de que Leonora Amar foi eleita «Rainha do Carnaval Carioca», repercutiu de maneira extraordinária no México, pois, pela primeira vez os jornais mexicanos estamparam em sua primeira página esta notícia, o que demonstra a alta popularidade e estima que possui no México.

★

Foram os seguintes filmes mexicanos considerados como as melhores produções de 1950 pelo Festival Cinematográfico de Montevidéu: «Muchachas de Uniforme», «Negro es mi color», «Una mujer decente», «Maria Montecristo», «La Loca de La Casa», «O Homem sem rosto» (El hombre sin rostro), «Tierra Baja», «Pecado», «Deseada», «Un dia de vida», todos distribuidos no Brasil pela Pelmex.

ENTREVISTEI UMA DAS MULHERES MAIS LINDAS...

ROSÁRIO "CHARITO" GRANADOS



ESTRÊLA do cinema mexicano, não é mexicana, e sim argentina. Chegou ao México em 1943, sendo contratada em dezembro do mesmo ano. Seu primeiro filme foi "La Casa de los Millones", com Luis Sandrini, na Argentina. No México, fêz sua estréia em "Adultério" e logo a seguir estrelou "Rosa de làs Nieves", tendo se candidatado ao "Ariel" (Oscar mexicano) por essa interpretação, perdendo "por cabeça" para Margas Lopez. Em sua opinião, o melhor filme que já estrelou foi "A Casa de Troya" com Armando Calvo e Carmen Molina. Já filmou também "El Dolor de los Hijos", "Amores de una Viuda" e "Imaculada", ainda inéditas no Brasil. Foi considerada o melhor artista (feminino) de 50 no Segundo Certame Cinematográfico Hispano - Americano realizado em Madrid, por sua "performance" em "El Dolor de los Hijos".

A GRANDE LUZ

De GIANNI PONS

UMA atmosfera irreal pairava no lugar; longe do povoado, à margem de uma clareira, erguia-se a pequena igreja de estilo barroco e, a poucos passos dela, destacava-se, contra o fundo do seu nublado, uma cruz, uma simples cruz...

Não trazia nome; contudo, na base de pedra, estavam gravadas êssas misteriosas palavras: "Ao General desconhecido".

Seus braços de madeira, abertos para o infinito, desviaram meus pensamentos; e meu olhar, então, caiu sôbre uma velha senhora, imóvel diante da cruz. O som harmoniosamente triste de sua voz poderia ter sido apenas um murmúrio do vento por entre as plantas; mas as palavras, que ela singelamente pronunciava, estavam destinadas a gravar-se para sempre em meu coração, mais profundamente do que aquelas que negrejavam na pedra côr-de-cinza: "Ao General desconhecido".

— O senhor violou um mistério, cavalheiro. Sem querer, veio a descobrir uma página em branco da História de nossa Terra... Por favor, não indague nada, não procure conhecer as datas e os nomes das pessoas ligadas a êste episódio. O que de nobre e de bonito foi feito, pertence, agora, ao passado e não passa do fruto de nosso amor a esta terra que é nossa. Falo-lhe assim — prosseguiu a voz em tom de sublime modéstia — porque sou a única sobrevivente daqueles acontecimentos e porque sei que êle... — e apontou para a cruz diante de nós — ...que êle sofreria, se eu revelasse seu verdadeiro nome. Logo compreenderá por que...

Pude, assim, conhecer aquela maravilhosa página em branco da História do Brasil, aquela página dedicada ao General desconhecido e que, no grande livro, sobressai imaculada no início do capítulo que vai de fins do século passado a nossos dias...

★

...naquele tempo, a velha senhora tinha pouco menos de vinte anos e era criatura de grande beleza. Chamava-se Eliane. A vida lhe sorria, já que seu pai (a quem chamarei Roberto de Avelar, para não desvendar a identidade dos protagonistas dêste episódio) desempenhava, então, o cargo de representante do Govêrno naquela longínqua Provincia.

As providências tomadas em benefício dos escravos libertados e das classes menos favorecidas tinham produzido os resultados esperados pela Nação e o bem-estar reinava na Provincia, a despeito de alguns latifundiários, incapazes de se conformar com a nova justiça social.

O ato de rebelião contra o Govêrno constituiu, portanto, trágica surprêsa. Chefiado por um tal Ularghi, de origem espanhola, indivíduo ambicioso e sem escrúpulos, o bando dos revoltosos caiu inesperadamente em casa do Governador, assaltando-a, no meio de uma festa. Nas salas onde, pouco antes, estavam os hóspedes do senhor Avelar reunidos para alegre banquete só ficaram os cadáveres espalhados no solo pela sanha assassina dos homens de Ularghi.

Sòmente a jovem Eliane conseguiu escapar milagrosamente à matança e, quando os revoltosos o perceberam, já fôra ela levada para a serra e abrigada em seguro esconderijo por um velho criado prêto, chamado Tijuca.

Assim, enquanto o chefe dos rebeldes esquadrinhava a mansão dos Avelares, prometendo mundos e fundos a quem lhe trouxesse a moça viva ou morta, começaram os primeiros lavradores, ainda mal refeitos do inopinado da insurreição, a se refugiarem na serra, cerrando fileiras em redor de Eliane, que se tornara para êles o símbolo do poder legítimo e da liberdade.

Por motivo da distância que separava a Provincia da Capital e da falta de estradas, não se podia, infelizmente, contar com uma rápida intervenção do Govêrno para o restabelecimento da ordem, circunstância essa de que se avantajava o chefe do bando sanguinário. Ularghi, ademais, conhecia a existência de uma correspondência secreta a respeito de uma proposta inglêsa para um acôrdo comercial e marítimo, que o falecido Governador não julgara merecedora de ser levada ao conhecimento do Govêrno por não ser vantajosa para o País. Conseguir apoderar-se dêsse documento fôra de grande importância para o rebelde, pois, exibindo-o mesmo apenas parcialmente, poderia acusar Avelar de haver preterido, por mero interêsse pessoal, o bem de sua Terra. Tal era o covarde ardil que Ularghi imaginara para encobrir com falsas aparências de patriotismo seu cruel ato de rebelião.

Não tardou que a prisão se enchesse de honrados cidadãos, que eram submetidos às mais atrozes torturas na baldada esperança de se lhe arrancarem informações sôbre o lugar em que os documentos tinham sido ocultados pelo Governador.

Assim que Eliane teve conhecimento do que se passava na cidade, compreendeu que tudo devia fazer-se para defender da calúnia póstuma o nome honrado de seu pai, impedindo os rebeldes de se apossarem daqueles papéis. Conhecia a moça a existência de um esconderijo na biblioteca paterna e se persuadiu de que ali deviam estar êles guardados. Ninguém conseguiu dissuadí-la, portanto, de seu intento: deu ordem a Tijuca de lhe arranjar umas roupas de camponesa e, no primeiro dia de feira, desceu com êle para a cidade, assim disfarçada, procurando evitar os homens de Ularghi.

Pôde, destarte, penetrar inobservada na sua velha casa e já ia se acercando do esconderijo quando foi reconhecida por um dos guardas e levada à presença de Ularghi.

O primeiro pensamento do rebelde foi o de matar incontinente a última dos Avelares; o desejo de alcançar, por meio dela, os tão almejados documentos, entretanto, prevaleceu: interrogou a moça com insistência e, por fim, nada conseguindo arrancar de seu obstinado mutismo, mandou fôsse ela atirada à prisão, para que refletisse e se decidisse a falar.

Não era a cela de Eliane diferente das demais em que jaziam os desventurados prisioneiros: através das grades da janela, podia ela descortinar uma nesga do horrível pátio onde eram executados os que eram tidos como fiéis ao derrubado Govêrno da Provincia.

A porta, também constituída por espêssa grade de ferro, dava para o comprido corredor comum; quando os carcereiros o permitiam, podiam, destarte, os presos trocarem algumas palavras, único consôlo naquelas longas horas de espera.

Agarrada às grades da porta, viu Eliane passar Tijuca, regressando da tortura. O negro levantou para a moça os olhos fiéis e murmurou: — O Senhor me deu fôrças...

Eliane compreendeu que Tijuca não tinha falado. Mas uma dúvida terrível a acometeu: Até quando poderiam êles resistir? Até quando a carne e o espírito teriam ainda a coragem de lutar?

A mesma pergunta formulara a si mesmo Ularghi, após os primeiros interrogatórios: tinha pressa de enviar um memorial ao Govêrno antes de iniciar êste uma ação contra êle. Percebia o rebelde que a moça, o negro e os demais não falariam; havia nêles uma fôrça obstinada, uma fé que tocava as raias do fanatismo e que os não abandonva diante dos suplícios nem os abandonaria diante da própria morte.

Esta certeza levou Ularghi a se apegar com grande otimismo ao plano que, um dia, lhe sugeriu um de seus homens: tratava-se de introduzir, no meio dos prisioneiros, um espião que lhes captasse a confiança e obtivesse, assim, o que não era possível conseguir-se com o emprêgo da fôrça.

Havia, para essa tarefa, um só homem, a quem chamaremos, aqui, Ferreira. Antigo ator de profissão, jogador inveterado, acabara descendo os últimos degraus da escala social e humana; seus dotes de ator os havia êle pôsto ao serviço de sua nova carreira de chantagista e ladrão. O vício do jôgo, arruinando-o, transformara-o em trapaceiro... Incapaz de ganhar honestamente a vida, Ferreira conseguia, contudo, evitar a cadeia, graças a seus aprofundados conhecimentos dos artigos do Código e à sua extraordinária eloqüência. Pertencia mais à raça de Judas que à de Caim e estava sempre pronto para vender seus serviços a quem melhor os pagasse.

Era êsse o homem que Ularghi mandou vir, à tôda a pressa, de além-fronteira e que, durante a noite, trajando irrepreensível farda de general do Govêrno, foi atirado à cela contígua à de Eliane.

No dia seguinte, ao amanhecer, foi êle chamado para um interrogatório simulado: ouviram-se alguns gritos lancinantes e, depois, o General, com o rosto todo sujo de sangue, foi novamente atirado à sua cela. Ao passar diante da porta da cela de Eliane, encontraram seus olhos o da moça, que ficou profundamente perturbada e como que fascinada. Até os carcereiros, subjugados pela nobreza de sua figura, perfilaram-se instintivamente e não ousaram fechar-lhe a porta da cela — tamanho era o poder com que Ferreira interpretava seu novo papel. Êle próprio sentia-se, era um General.

Mais tarde, e sempre irrepreensivelmente fardado, saiu êle para o corredor e, inspecionando a prisão, deteve-se uns momentos diante da cela de Tijuca. — Para mim, — disse, dirigindo-se para o prêto — está tudo acabado. Já me condenaram. Talvez, amanhã, me fuzilem e é por isto que gozo de alguns privilégios... Ignoro o que Ularghi quer saber de você, meu velho. Não tem importância. O essencial é que você saiba resistir durante os próximos interrogatórios. Não tenha medo de sofrer, êste é o segrêdo para manter a bôca calada. Faça como eu fiz: fite um ponto no espaço, bem à sua frente, com tôdas as fôrças, e aos poucos sòmente aquêle ponto viverá na sua mente... E se tornará cada vez maior, cada vez mais luminoso, como uma grande luz, uma invencível aurora... Lembre-se do que lhe digo: é com essa luz que se forma a palavra PÁTRIA.

Sorriu o negro embevecido, perfilou-se e respondeu: — Sim, General.

Sabia o aventureiro haver conquistado, com aquelas palavras, a confiança de Eliane; podia, portanto, aproximar-se agora de sua cela. Viu-a, então, pela primeira vez: linda, selvagem, ágil e forte como uma pantera que ainda guarda nos olhos o reflexo da floresta mesmo quando prêsa numa jaula. Foi assim que êle viu Eliane enquanto esta lhe estendia a mão através da grade.

A partir dêsse momento, ficou selado o destino de Ferreira.

Compreendeu que, a ela, não saberia mentir.

Não apenas seu instinto repugnava à idéia de enganá-la, como também sentiu-se impelido a protegê-la... E, para não ter de mentir, evitou falar-lhe, retendo longamente entre suas mãos fortes a mão frágil e nervosa de Eliane. Depois, em largos passos, afastou-se.

Às primeiras horas da manhã seguinte, um bando de sicários penetrou na prisão e levou Tijuca para novo interrogatório.

Acercou-se, então, o General da cela de Eliane, a cuja grade a moça se agarrara: estavam tão próximos um do outro, que êle podia ouvir o pulsar apressado do coração dela. Sòmente quando ecoou o grito desesperado do velho prêto é que êle tomou entre as suas a mão de Eliane. Pouco depois, Tijuca tornou a aparecer, cambaleando no corredor, empurrado pelos guardas, um dos quais gritava escarnecendo-o: — Despede-te de tua patroa, escravo, e dize-lhe que a precedes no caminho que ela também há de trilhar, e pela última vez!

O velho caiu diante das grades da cela; suas mãos tatearam o solo até encontrar a fimbria do vestido de Eliane, que êle beijou com devoção. Arrancaram-no dali à fôrça e o arrastaram para fora. O pobre velho ainda encontrou ânimo para gritar: — General, eu vi a luz... O senhor tinha razão, General: uma linda, uma grande luz!

Só então Ferreira percebeu que lhe haviam queimado os olhos com um ferro em brasa; e ficou como que paralisado no lugar, incapaz de desviar o olhar do pobre homem que, nesse interim, era levado para o pátio. Ouviu-se, depois, uma rajada de fuzilaria: Tijuca tinha deixado de sofrer.

Eliane caiu ao solo desfalecida e sòmente então Ferreira pôde dominar-se e recobrar o sangue frio. Chamou um carcereiro, ao qual ordenou que lhe abrisse imediatamente a cela da moça. Ante o tom autoritário em que fôra dada a ordem, o guarda, subjugado, obedeceu incontinente.

Êle permaneceu ao lado de Eliane até que esta tornou a abrir os olhos: nunca, em sua vida tôda, provara êle sentimentos semelhantes aos que agora lhe iam na alma. Para os que nunca souberam amar, o amor surge, às vêzes, com uma violência que tem qualquer coisa de sobrenatural...

Naquele momento, compreendeu Ferreira que amava Eliane e tudo o que lhe pertencia, até aquêle absurdo ideal que tantos sofrimentos lhe causava: tudo... O ideal de Eliane não podia deixar de ser justo, puro, elevado e nobre! Então êle se ajoelhou e beijou a orla do vestido da moça, como pouco antes fizera Tijuca.

Ao tornar a levantar-se, percebeu que ela o fitava com ternura: nada mais podia impedir que suas bôcas se unissem num beijo desesperado mais definitivo, que deixou em ambos a sensação de estarem mùtuamente comprometidos para além da vida...

Faltavam poucas cenas para o drama de Ferreira terminar e êle se dispôs a dar-lhes cabal desempenho: ordenou ao carcereiro que o levasse à presença de Ularghi. O homem obedeceu.

Quando o ator surgiu no limiar da porta, seu aspecto impôs repentino silêncio ao barulhento grupo que se encontrava ao redor da mesa. Ularghi largou a mestiça que tinha sentada sôbre os joelhos e aproximou-se dêle dizendo: — Então, a pequena acabou falando? — e como o outro permanecesse calado, acrescentou, oferecendo-lhe um cálice: — Bebe, isto é bom para soltar a lingua.

Ferreira, com um gesto sêco, recusou o convite. O outro, pasmo, mediu-o de alto a baixo; por fim, disse-lhe, rindo: — Muito bem, General! Representas teu papel à perfeição... Por um momento, chegaste a me impressionar a mim também... Mas, agora, chega de brincadeiras: conta o que conseguiste aprender na prisão.

— O que eu aprendi, nunca você conseguiria compreender — revidou Ferreira com desdém. — Mas vou dizê-lo mesmo assim, para que também seus esbirros o saibam... Aprendi a crer num ideal, em qualquer coisa abstrata e nobre que se chama amor à Pátria e, sobretudo, aprendi que um só mártir daquela causa sagrada tem mais fôrça do que um regimento de bandoleiros como vocês. E' esta fé que me permite predizer-vos que, breve, vocês todos serão varridos daqui para fora, definitivamente...

Não pôde terminar a predição, que, aliás, os fatos haveriam de confirmar; os esbirros se atiraram em cima dêle e o arrastaram para o pátio da prisão. Êle não opôs resistência; apenas, recusou que lhe vendassem os olhos...

★

— Vi-o através das grades de minha cela — continuou a velhinha com voz trêmula. — Estava esplêndido, na sua farda de general... No momento em que o comandante do pelotão de fuzilamento chamou seu nome, como era praxe fazer-se antes da execução, êle não respondeu; deu um passo à frente e gritou: — Chamem-me "General"!

E foram estas suas últimas palavras. O pelotão fêz fogo e êle tombou ao solo de uma só vez, como um grande roble.

A velha senhora colocou um ramo de flores aos pés da cruz e, depois, sem se ocupar mais comigo, se afastou, subindo vagarosamente os degraus da igreja. Pela porta do templo chegava um som de órgão...

Eu permanecera sòzinho, diante da cruz; e juraria que um poderoso côro se levantou da terra subindo para o céu, onde os últimos raios do sol poente douravam as nuvens...

x x x

A SECRETÁRIA DO . . .

(Cont. na pág. 23)

★ No dia seguinte, quando Paul acordou, encontrou a sua mesa em ordem, tudo preparado para o trabalho. Mas, essa manhã êle não estava com a mente em trabalho e pretendia exercitar-se um pouco no campo de golf. Há bastante tempo não praticava...

No final, êle argumentou que geralmente conseguia idéias para músicas enquanto caminhava pelo campo.

«— Mr. Merrick, o senhor parece esquecer que...» argumentou Kate, que estava trabalhando como secretária para conseguir dinheiro para pagar um curso que pretendia fazer no próximo semestre na universidade.

«— Oh, é claro. Não tenho nenhum dinheiro, tenho? Faça um cheque de duzentos dólares para mim». — Êle sorriu. — «Vamos!»

Desajeitada, ela fraquejou. Paul Merrick chamou Haggerty, o seu chofer e «valet de chambre» e os dois saíram. Kate já estava começando a sentir-se mal. Neste passo, a revista de Alex Conway não poderia ser levada em cena antes do século vinte e cinco!

Mas a mocinha estava determinada a que Paul a escrevesse o mais cêdo possível e acompanhou-o ao campo de golf. Em combinação com Haggerty, ela fez com que êle perdesse trezentos dólares. Foi uma vitória negativa, mas preferível a que êle chegasse em casa com trezentos dólares para gastar com Lorna Marvis e outros divertimentos que os dois pudessem inventar para que o mantivesse afastado do piano.

Quando voltaram do campo de golf, foram encontrados por um homenzinho no elevador. Como os outros, êle viera cobrar setenta e cinco dólares de uma aposta que Paul perdera nas corridas. Mais uma vez Kate teve de pagar, mas fez com que Paul prometesse ir para o piano e escrever uma música.

Enquanto êle tocava, ia conversando com ela. Tocou alguns trechos de uma música que fizera sucesso em 1947 e perguntou se ela gostava. Claro que sim, respondeu-lhe Kate.

Depois disso, Paul olhou-a fixamente.

«— Não pense que estou metendo-me em seus negócios, mas quanto você esta ganhando por semana?»

«— Setenta e cinco dólares».

«— Quanto tempo espera ficar aqui?»

«— Oito semanas.»

«— Seria engraçado se eu não sentisse a sua falta.»

«— Isto poderia ser bom, Mr. Merrick. Isto talvez pudesse ser muito bom... para uma canção. **Não seria engraçado Se eu Não Sentisse a sua Falta?»**

O olhar de Paul parecia dizer que aquela era a pior idéia que êle jámais tivera. Apesar de tudo, êle se sentiu intrigado pelo título. Começou tentativamente a tocar algumas frases musicais. Sùbitamente, êle teve uma idéia e começou a tocar. O telefone tocou e Kate foi respondê-lo, enquanto Paul escrevia notas e mais notas.

Mas êle terminou ainda a tempo de ouví-la dizer que êle não se encontrava em casa. Isto o enfureceu. Gritando por Haggerty, pedindo o seu carro, correu para o seu quarto a fim de mudar de roupas. Quando saiu, despediu a moça.

«— O senhor está despendindo-me? Agora que não mais sou a sua secretária, posso falar livremente. Para um homem de seu talento ser tão egoista, tão estragado, lisonjeado e tão irresponsável... e tão **medroso**...

«— Medroso? Tenho mêdo de que?»

«— Desde 1947 que o senhor não escreve coisíssima alguma. Êste foi o ano em que o senhor conseguiu os seus maiores sucessos. Agora tem mêdo de que não seja capaz de repetir aquêle sucesso e por isso gosta de dar a impressão de que é preguiçoso... assim ninguém saberá que em verdade é um medroso!»

«— Eu suponho que você tirou um dez em psicologia na universidade. Pensa que eu sou um fracassado, Doutora?»

«— Sim. A não ser que o senhor supere êste ilógico mêdo de fracasso. Como a maioria dos homens com talento maior ao caráter, o senhor pode competir com outros, mas não consigo mesmo».

Haggerty interrompeu para avisar que Mr. Alex Conway estava esperando Paul na sala de visitas.

«— Miss Holbrock», — perguntou Paul docemente,» — a senhora já teve alguma vez em suas mãos a vida de uma outra pessoa?»

«— Bem...» — ela hesitou. — «No verão passado eu fui ama-sêca».

A comparação não sòmente enfureceu Paul como o estonteou. Mas êle não respondeu e se dirigiu para a sala, a fim de conversar com Alex a quem anunciou que havia despedido a secretária. Alex não se zangou, mas aproveitou a ocasião para explicar ao seu amigo a diferença entre um aperto de mão e um contrato entre dois amigos. Isto fez com que Paul mudasse de idéia. Céus, não! Paul tentou explicar a Alex que não desejava ser julgado obtuso simplesmente porque Kate o trancava no quarto, não deixava dormir, ou jogar golf ou conversar com seus amigos. Mas, admitiu Paul, não havia maneira de negar que em três anos êle não escrevera coisa alguma. Em um dia com Kate já puzera nas pautas uma nova música!

★ Foi necessário algum tempo para que Paul recuperasse a calma de seu encontro acidental com Tia Amy, na manhã seguinte. Ela ficara do lado quando a porta da frente se trancou e ela tinha saido para apanhar o jornal. Tendo tocado a campainha, foi Paul quem veio abrir a porta. Ela começou a caminhar em direção ao seu quarto como um rato amedrontado.

«— A senhora necessita de alguma coisa?» — perguntou-lhe Paul.

«Oh, não, muito obrigado!» — respondeu jovialmente Tia Amy. — «Tudo é muito confortável. E, permita-me dizer, Mr. Merrick, que considero um grande privilégio morar com o senhor.»

«— **Comigo?»** — Gemeu assustado o pobre Paul. Neste instante Kate entrou na sala, óbviamente desajeitada por encontrar a sua tia ai.

«— Está tudo muito bem, querida.» — Tia Amy assegurou a Kate. — «Mr. Merrick e eu já nos conhecemos. De uma maneira pouco convencional... talvez. Mas então, nos círculos artísticos, isto não é nada fora do comum. Com licença.» — E a Tia Amy deixou a sala.

Embaraçadamente explicou Kate que a a sua tia viera morar com ela, no quarto de hóspedes de Mr. Merrick. Êle certamente não esperava que ela tivesse vindo morar aqui sòzinha, não é?

«— Deus nos livre!» — Concordou Paul.

E Paul foi terminar uma nova canção «Acidentes podem Acontecer» e ela saiu para pre-

(Cont. na pág. 30)

Rádio

ARMANDO MIGUEIS

A OBRA FICA PARA A GLORIFICAÇÃO

Não gostamos da saída de Tude de Souza da PRA-2. Êle, com seus quilos bem pesados, era a vibração da veterana Rádio Sociedade convertida, atualmente, em emissora do Ministério da Educação. Probo e talentoso, nunca negou a mão aos que possuiam capacidade, nem se furtou a reconhecer o mérito dos seus adversários. Coração aberto às boas iniciativas, tinha carinhos materiais para com a PRA-2, a ponto de desfalcar sua própria carteira em benefício de um empreendimento artístico. Se mais não fazia, a culpa é da sua pobreza. Tude de Souza sempre lutou com dificuldades de ordem financeira, tão honesto mostrava-se para com a ínfima verba que lhe concediam. Mesmo nesse "miserê" tremendo, em que as cifras eram avaramente controladas, êle não desceu o prestígio da estação, nem sequer valeu-se do calote para apresentar o que era bom. Utilizou-se, isto sim, da amizade dos que se tornaram seus amigos. Com êstes, levou adiante muito plano salutar e empreendeu arrojadas ofensivas a favor da "cultura dos que vivem em nossa terra". A frase é de Roquete Pinto, o mestre. Roquete Pinto deve estar triste. Não pela saída do amado discípulo, mas pela injustiça que lhe fizeram. O mestre, quando entregou a PRA-2 a Tude de Souza, fê-lo como um pai que entrega sua filha. Tinha certeza de que o representante da Unesco ao próximo conclave de Rádio, não desmereceria sua confiança. Tude lutou. Tude sofreu. Tude assistiu à glorificação da grandiosa obra que lhe foi outorgada pelo mestre Roquete Pinto. O destino, porém, é ingrato. A consciência humana, na maioria das vêzes, é vingativa. Por isso, só por isso, Fernando Tude de Souza vê-se desligado da emissora que êle, à custa de inauditos sacrifícios, conseguiu colocar numa situação de prestígio e respeito. E' que a vida possui seu lado amargo. Aquêle em que a vingança serve de estímulo para alguns. Maior, porém, do que as mesquinharias de muitos, está a consagração popular. Esta é unânime em reconhecer o trabalho dêsse homem talentoso e bom. Daí, a injustiça não atingir a uma obra que, por mais que o queiram, não será fácil destruir.

SETE NOTÍCIAS, SÒMENTE

Daysi Lucidi recebeu a visita da cegonha. Daí, seu afastamento do microfone, a fim de cuidar do Luís Mendes Júnior. Agora, porém, a querida e inteligente radiatriz está de volta. Seu reaparecimento deu-se através de "A passageira sem destino", novela de Amaral Gurgel, em que lhe cabe viver um dos mais interessantes papéis da sua carreira radiofônica. ★ A Rádio Mayrink Veiga continua contratando artistas. Recentemente, foi buscar no cast das "emisoras associadas", a conhecida dupla "Garôtas Tropicais". Intépretes dos ritmos populares, essas duas pequenas, de há muito, atuavam ao microfone da PRG-3. ★ O rádio estende-se por êsse Brasil afora. De quando em vez, novas estações surgem na cadeia radiofônica. Desta vez, é a cidade mineira de Três Corações que se apresta para inaugurar uma emissora com a potência de 300 wats. Baependi, por sua vez, obteve permissão para instalar uma estação. ★ Com o desenvolvimento da televisão em nosso país, as principais emissoras cariocas iniciaram os preparativos para sua utilização. Assim, após o lançamento feito pela Tupi, dois outros grandes prefixos acabam de obter permissão do govêrno para a instalação da tevê. Trata-se da Rádio Nacional e da Rádio Globo. A primeira, por sinal, já entrou em entendimentos com importante fábrica norte-americana. ★ Odete Amaral, cuja atuação no cast mayrinquiano sempre foi das mais destacadas, acaba de assumir compromissos artísticos com a Rádio Clube do Brasil. Êsse prefixo ganhou, portanto, uma artista bastante apreciada pelo grande público. ★ Berliet Júnior, coadjuvado por Vitor José de Lima, prepara-se para escrever novas histórias policiais, as quais serão apresentadas através da televisão. Perito no assunto, o produtor de "Lendas Maravilhosas" inicia, dêsse modo, nova etapa na sua carreira de "radio-man". Aliás, os apreciadores do gênero de Conan Doyle, ante essa notícia, estão contentes. ★ Ao encerrarmos esta seção, nada resolvido em tôrno a posse do sr. Carlos Rizzini na PRA-2. O conhecido jornalista e homem de rádio, ao saber da verba que poderia dispor para a elaboração de programas e contrato de artistas, mostrou-se desanimado.

CONFISSÃO



CELSO GUIMARÃES
êle viu Rádio-City

CELSO GUIMARÃES, COMO OUTROS COMPANHEIROS DE RÁDIO, JÁ FEZ A AMÉRICA. ANDOU PELAS GRANDES EMISSORAS, VISITOU OS PRINCIPAIS CINEMAS, PERCORREU AS PRINCIPAIS AVENIDAS E, NO FIM DAS CONTAS, VOLTOU AO MICROFONE PRE-8. PORÉM, FEZ QUESTÃO DE REUNIR EM VOLUME AS SUAS IMPRESSÕES SÔBRE O PAÍS DE UNCLE SAM. EIS O TRECHO DE UM CAPÍTULO DO LIVRO DE CELSO.

Radio City! Isto — Cidade do Rádio — assim à solta, pode parecer pretencioso aos ouvintes longinquos. Pode soar apenas como simples denominação publicitária, muito ao gôsto e ao hábito dos norte-americanos, que bem sabem o valor e a eficiência de um bom nome, significativo e sonoro. Pode ser até, para alguns, o nome de qualquer coisa que nada tenha a ver com o rádio, na realidade. Mas é preciso estar em Nova York, ver o que vai pelo Radio City, procurar sentir tôda a vibração daquela verdadeira cidade de um só bloco, para repetir num entusiasmo incontido e cheio da melhor sinceridade: Rádio City! São milhares de mãos, cérebros e vozes que trabalham para milhões de ouvidos, nos Estados Unidos, nas Américas, em todo o mundo! E' um símbolo que aqui está, em pleno Rockefeller Center, apontando para o alto a parte esguia da sua estrutura espetacular, qual gigantesco dedo de ferro e cimento, a indicar o caminho da perfeição àqueles que têm a felicidade de poder parar um pouco o dinamismo contagiante do grande centro, para, embevecido, enamorado, refletir na fôrça imensurável que Morse, Branly, Hertz, Marconi e tantos outros pioneiros construiram para o futuro, para a Humanidade! Rádio City! Aqui estão os estúdios e os departamentos da National Broadcasting Company, que, com a Columbia

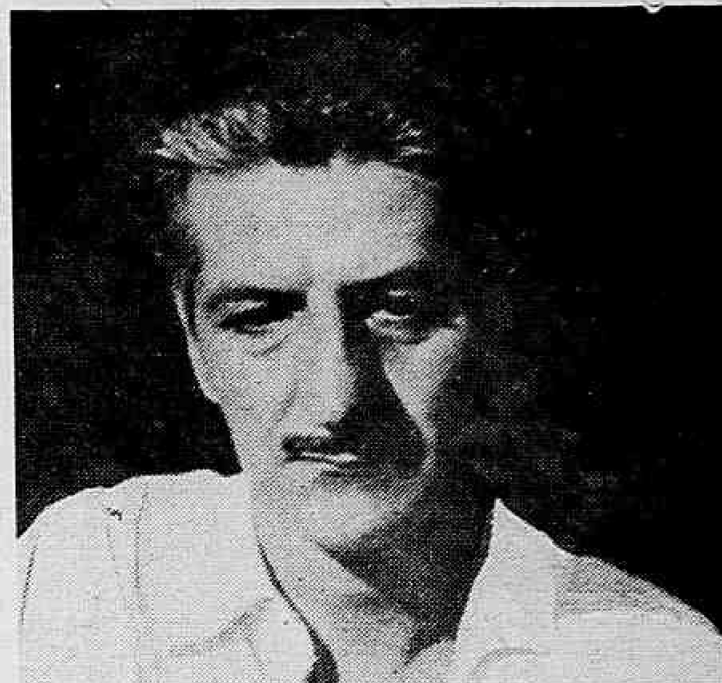
(Cont. na pág. 30)

DE QUINTA A QUARTA-FEIRA

	TÍTULO — EMISSORA	DIAS — HORÁRIOS
PROGRAMAS	DESGRAÇA POUCA É BOBAGEM Rádio Guanabara	Tôdas as quintas-feiras, às 20,30
	RESENHA ARTÍSTICA Rádio Roquete Pinto	Tôdas as sextas-feiras, às 21,05
	MÚSICA VIVA Rádio Ministério	Todos os sábados, início às 21,30
	RECORDAR E' VIVER Rádio Tamoio	Todos os domingos, a partir das 9,00
	ESCOLA PARA MARIDOS Rádio Nacional	Tôdas as segundas-feiras, às 21,35
	MOMENTO ECONÔMICO Emissôra Continental	Tôdas as têrças-feiras, às 21,15
	RAPSÓDIA ALEGRE Rádio Globo	Tôdas as quartas-feiras, às 21,35
NOVELAS	A PASSAGEM SEM DESTINO Rádio Globo	Têrças, quintas e sábados, às 20,30
	ALMAS PREDESTINADAS Rádio Nacional	Segundas, quartas e sextas, às 21,05
	AMARGURA Rádio Mayrink Veiga	Segundas, quartas e sextas, às 12,30



DAYSI LUCIDI
ela está de volta.



BERLIETE JUNIOR
a tevê o conquistou

FORA DA ONDA

UMA BRASILEIRA EM LONDRES

Maria Helena de Carvalho faz parte de uma família de radialistas. O mano mais velho está dirigindo a Inconfidência. O Luis, como sempre, desdobra-se em atividade no "broadcasting" guanabarino. Maria Helena de Carvalho, não fugindo à regra, debutou ao microfone PRI-3, vivendo o papel de Elizabeth Vercors, da peça "Anunciação", de Paul Claudel. Outras atuações seguiram-se à essa experiência. Depois, veio o convite da British Broadcasting Corporation, aceito com entusiasmo. Ela ajeitou a bagagem, indo parar no departamento latino da poderosa estação britânica. Demorou-se, por lá, cinco anos. No acender das luzes de 1951, sem qualquer aviso, veio rever os entes queridos, contar novidades para os amigos e matar saudades da paisagem mineira. Mas, a permanência de Maria Helena de Carvalho foi curta. Assim como chegou, partiu. Londres a esperava para viver novos papéis nos programas de teatro cego. Também o "A pedido do ouvinte" estava reclamando sua presença. Daí, a demora não ser mais prolongada. Ela habituou-se à vida londrina, motivo de não ter aceitado os convites que chegaram às suas mãos para permanecer no Brasil.

ELA AFIRMA SER DIFERENTE

Helena Silveira é um dos valores com que conta o rádio paulista. Escritora das mais apreciadas, não faz muito, seu nome andou em grande evidência nos jornais bandeirantes, em virtude da peça "O fundo do poço", em que focalizou um terrível drama passado na terra da garoa. Pois Helena Silveira, segundo notícia que nos vem de São Paulo, voltou à Excélsior. Desta vez, para apresentar um programa feminino diferente. A acreditar-se no que diz a própria escritora, o "broadcast" constitui novidade.

Mas, como será o programa de Helena Silveira, indagará o leitor curioso. Trata-se do seguinte: *tôdas as segundas-feiras, ela chama ao microfone um cavalheiro "competente" para falar sôbre o tipo ideal de mulher. Isso servirá muito para que o outro sexo tenha alguma base na apreciação dêsse "mobile" que é o homem...*



EMILINHA BORBA
a melhor de 1950

Essa foi a informação de Helena Silveira ao redator da "Fôlha da Manhã".

OS MAIORAIS DE 1950

Anselmo Domingos, no afã de premiar valores, selecionou uma turma de cronistas radiofônicos, cinematográficos e teatrais, além de figuras representativas do nosso meio cultural, confiando-lhes a escolha dos melhores elementos de nosso "broadcasting" no período de 1950.

Assim, na noite de seis de março, na redação da Revista do Rádio, reuniram-se as pessoas indicadas. Nada de cabala, nem tampouco de injustiças. Pesado o trabalho de cada astro do sem-fio guanabarino, teve início a votação, cujo resultado revelou o seguinte:

Francisco Alves, apesar dos seus avançados janeiros, obteve a classificação de melhor cantor. Coube a Emilinha Borba o título de melhor cantora. Como locutor, venceu César Ladeira. Maria Helena, por sua vez, sagrou-se a melhor locutora. Radiator foi Rodolfo Mayer. Ismênia dos Santos, a radiatriz. Na categoria de produtor, venceu Paulo Roberto. Lauro Borges levou a melhor como humorista. César de Alencar, no cômputo final, estava eleito o melhor animador. Humberto Teixeira, sagrou-se como compositor. Amaral Gurgel, mais uma vez, venceu como novelista. Quanto a Luis Mendes, a comissão elegeu-o o melhor locutor esportivo.

O SEGREDO DE SUA MOCIDADE:...

VINHO CHICO MINEIRO

Seja inteligente! Não espere engordar demais, tome de hoje em diante VINHO CHICO MINEIRO que conservará o seu porte elegante. A perda de pêso é natural, não faz mal e não provoca rugas. Insista no tratamento e depois do terceiro vidro o seu corpo tomará linhas firmes e delgadas adquirindo forma elegante indispensável à mulher moderna.

A venda nas boas Farmácias

PARA COMPLETAR A SUA BELEZA E PERSONALIDADE USE ÊSTES PRODUTOS DA MULTIFARMA:

EUTRICHOL ESPECIAL

que faz voltar a côr natural aos cabelos brancos. Fórmula completamente inofensiva, não contém nitrato de prata ou outro sal prejudicial à saúde. Revigoriza o cabelo, não o deixando quebradiço. Póde ser usado indefinidamente e o seu uso previne a quéda do cabelo e elimina a caspa. Antes de acabar o primeiro vidro, o seu cabelo estará completamente revigorizado, tendo voltado, portanto, à sua côr natural.

LEITE DE ARROZ

Para manter a limpeza e a higiene da pele, use LEITE DE ARROZ pela manhã, à tarde antes da maquilagem e à noite antes de deitar. Para fixar o pó de arroz não há melhor que o próprio LEITE DE ARROZ. O seu uso constante remove as partículas mortas e queimadas da pele, sardas, manchas, panos e cravos, tornando-a lisa, macia, aveludada e eliminando o cheiro desagradável do suor.

(Exigir a embalagem verde)

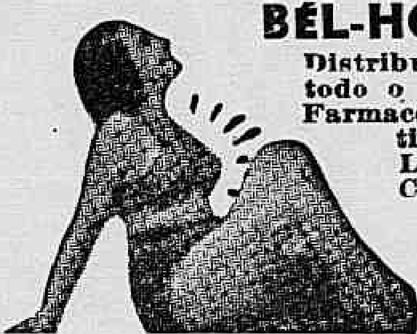
MULTIFARMA

Praça Patriarca, 26 — 2º
São Paulo
Remessa pelo Reembolso Postal

A BELEZA DOS SEIOS **BÉL-HORMON**

Quando o busto fôr insuficiente ou sem firmeza, use BÉL-HORMON nº 1; e quando fôr ao contrário, demasiadamente volumoso, use BÉL-HORMON nº 2. BÉL-HORMON, à base de hormônios, é um preparado moderníssimo, eficiente, de aplicação local e resultados imediatos. Adquira-o nas farmácias e drogarias ou pelo Correio.

BÉL-HORMON



Distribuidores para todo o Brasil: Soc. Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. Rua da Carioca, 33 — Rio de Janeiro

Soc. Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Queiram enviar-me pelo Reembôlso Postal um vidro de «BÉL-HORMON» nº ....

NOME ....
RUA .... Nº ....
CIDADE .... ESTADO ....

Preço para todo o Brasil Cr$ 50,00

CONFISSÃO

(Cont. da pág. 28)

Broadcasting System, a American Broadcasting Company e Mutual Broadcasting System, participa do grande movimento radiofônico norte-americano, arregimentando os valores de fato para a luta de todos os minutos, em prol de um mundo melhor. E' então que se pode sentir o poderio enorme, a eficiência impressionante do Rádio, como fôrça integrante da marcha da civilização. Essas rêdes, a serviço do saber, irradiam páginas da melhor literatura, prosa e verso, comentários, música de todos os tempos e gêneros, noticiários, dramatizações de interêsse humano, discussões públicas, programas educacionais para a infância, para a juventude, para a mulher e para o homem, passando por tôda a gama da Arte e da Ciência.

A SECRETÁRIA DO . . .

(Cont. da pág. 27)

parar-se para a chegada de um colega da universidade, Jeff Blake.

Mas quando Jeff chegou, tornou-se evidente que êle não viera visitar Kate e sim tentar conseguir um ingresso de Paul, a quem conhecera na universidade, para uma revista em cartaz.

Mas Paul estava gostando de sua secretária e tanto insistiu que finalmente Jeff prometeu que a apanharia às sete horas da noite para irem juntos ao teatro.

Quando voltaram do teatro, Kate quase não podia resistir às investidas de Jeff que a tentava beijar. Ela argumentou:

«— Oh, não, Jeff, por favor. Já é tarde. Mr. Merrick...»

Jeff soltou o seu braço furiosamente.

«— Mr. Merrick! **Mr. Merrick!** E' isso a única coisa que ouviu durante tôda a noite. Você está apaixonada por êle?»

«— Não seja ridículo,» — queimou-se Kate. — «Ninguém se apaixona por uma pessoa que se conhece há apenas três dias». — Os acórdes do piano de Paul lhe chegaram aos ouvidos. — «Ou se apaixona?»

Como resposta, Jeff beijo-a ardentemente. Ela suspirou e balbuciou:

«— E' maravilhoso! Depois de meia-noite, e êle ainda continua trabalhando!» — Jeff olhou-a duvidosamente. — «Boa noite, Jeff», disse ela, entrando no apartamento.

No quarto, ela perguntou a Tia Amy se uma pessoa podia apaixonar-se por outra num prazo tão curto de tempo.

«— Oh, sim! Apaixonei-me pelo seu tio Chester depois de nossa segunda valsa. Dezoito semanas depois nos casamos. Foi o maior êrro de minha vida!»

★ Foi Jeff quem descobriu o amor que Kate nutria por Paul, algumas semanas depois. Paul escrevera um novo sucesso com tôda a certeza, pois todos os astros, inclusive Peggy Lee, gostaram muito de suas novas **músicas**.

Estava pensando numa festa que ia dar ao povo do teatro para mostrar o que escrevera, quando Jeff entrou e veio diretamente para Paul dizendo que êle tinha de desistir de Kate.

Êle se apaixonara por ela e em virtude disso nunca mais havia batido um record. **Escrevera a** Kate doze cartas e ela não respondera uma só. Se êle não conseguisse o amor de Kate, não poderia tomar parte nas próximas competições e os Estados Unidos iriam perder o campeonato por causa de Mr. Paul Merrick.

«— Mr. Merrick, o senhor tem de despedi-la, pois sòmente assim eu poderei concorrer e os Estados Unidos não perderão.» — disse acaloradamente Jeff.

Novamente sòzinho, Paul começou a cantar e assoviar uma nova música: «My Country, 'Tis of Thee».

Kate não regressou antes de meia-noite. Dera um longo passeio, fôra a um cinema, caminhara novamente depois e se resolvera a não mais se deixar levar pelo amor que dedicava a Paul. Mas, tinha de mexer-se na cama ao ouví-lo cantar e tocar, e tôdas as suas boas intenções se desfizeram. Finalmente, incapaz de suportar por mais tempo, pôs o robe de chambre em redor do corpo e se dirigiu à sala de visitas.

«— Mr. Merrick,» — disse ela àsperamente, tentando esconder a sua turbulência emocional, — «o senhor está trabalhando até tarde de mais. Acabará arruinando a sua saúde...»

Paul soergueu os olhos do piano divertidamente.

«— Não estou trabalhando, Katie». Então Kate viu Lorna meio escondida numa cadeira. Sentiu-se sùbitamente confusa.

«— Não, não vá,» — disse Lorna. — «Paul me disse o quanto você o tem ajudado. Talvez êle não mostre, mas está grandemente agradecido. E eu ainda agradeço mais,» — Lorna fez uma pausa e explicou: — «Nós vamos casarnos».

Kate se espantou:

«— Isso é... é maravilhoso! Meus parabens!» — Com as lágrimas marejando os seus olhos, saiu apressadamente da sala.

Chegando ao quarto, Kate lançou-se na cama, começou a chorar e tentou sufocar os seus soluços no travesseiro, para não acordar Tia Amy. Mas tia Amy estava acordada. Na escuridão a sua voz calma lhe chegou aos ouvidos:

«— Paciência, meu bem. Paciência.»

«— Oh, Tia Amy, estou comportando-me como se fôsse uma adolescente emocional! Devia envergonhar-me de mim mesma. Uma coisa é óbvia, não posso continuar trabalhando aqui».

★ Agora que a revista estava pronta, Alex necessitava de uma pessoa para financiar a peça. Desde que as suas últimas quatro peças haviam sido «abacaxis», isto lhe seria um pouquinho difícil. E por êsse motivo, vendo o estado de nervos de Alex, Kate não se despediu para não deixá-lo ainda mais preocupado. A situação estava tão difícil que Alex foi ao apartamento de Paul e lhe explicou que era melhor que êle mesmo encenasce a peça. Alex Conway já se estava considerando um fracassado, depois de suas peças malhadas pela crítica e pelo público. Mas Paul não lhe deu ouvidos. Enquanto Alex falava, Paul lhe deu um embrulho. Abrindo-o encontrou uma cigarreira em ouro trabalhada. Reproduzindo a caligrafia de Paul, estava escrito:

Ao Alex:
Pelo nosso primeiro contrato escrito:
Se é uma revista de Merrick, é
uma produção de Conway.
Agradecidamente,
Paul.

Alex perdeu a voz de emoção. Mas, finalmente, voltando a si, disse:

«— Você! Sempre jogando dinheiro fora!»

«— Por que não? A nova revista nos vai dar uma nova fortuna!»

★ Mas os dias se transformaram em semanas e nada de se encontrar uma pessoa para financiar o show. Finalmente chegou o dia quando Kate deveria partir para a universidade. Estava despendindo-se de Paul quando Haggerty chegou apressado:

«— Patrão, quando é que o senhor pode partir para Lawford?» — Lawford era a universidade.

«— Lawford? De que se trata isso?» — indagou Paul.

«— Bem, eu entrei no «Friar's Club» e encontrei uns bons sujeitos. Eu costumava trabalhar para êles no campo de golf. Bem, encontrei-me com Groucho Marx e de repente surgiu Fred Allen. Êle chama Fred Astaire e Dorothy Kirsten. Todos êles gostam de Mr. Conway. Alguns dêles até mesmo gostam do senhor...»

O tilintar do telefone interrompeu Haggerty e Paul foi atender. Era Fred Astaire.

«— Alô, Fred. Êle fez isso? O que foi mesmo que Groucho disse?... Sim, isso seria muito bom... muito bom mesmo... Haggerty, hein?... Obrigado, Fred. Muito bem.

Paul terminou a conversação e pôs o telefone no gancho. Virou-se para Kate e anunciou exuberantemente:

«— Kate, nós vamos mesmo vê-la em Lawford.»

Alex desceu do trem enfurecido e foi logo dizendo para Paul:

«— Paul, que bobagem é essa. Você desaparece por duas semanas. De repente, recebo um telegrama maluco...»

Sorridente, Paul empurrou Alex dentro de um carro, levando-o para o ginásio da universidade. Ali êle encontra estudantes empurrando móveis no palco. Além da cortina, uma casa cheia esperava impacientemente. Alex reconheceu a situação:

(Cont. na pág. 40)

Melodias para você

C A L Ú N I A
(SAMBA)
De **Marino Pinto e Paulo Soledád**
Gravação de **Dalva de Oliveira**

Quizeste ofuscar minha fama
E até jogar-me na lama
Só porque eu vivo a brilhar
Sim! mostraste ser invejoso
Viraste até mentiroso
Só para caluniar.

Deixa a calúnia de lado
Se de fato és poeta
Deixa a calúnia de lado
Que ela a mim não afeta
Se me ofendes
Tú serás o ofendido
Pois quem com ferro fére
Com ferro será ferido.

CHEGANDO MAIS
(BAIÃO)
De **Luiz Bandeira e Távora**
Gravação de **Anjos do Inferno**

Onti eu fui pra uma festa
Na casa do Zé Tomaz
Di moça só tinha duas
Pra mais de trinta rapaz
Na festa só tinha home
Inda tava chegando mais,
Chegando mais, chegando mais
Chegando mais, ô, chegando mais.

A coisa daí pru diante
Piorô de mais a mais
Chegô mais de vinte véia
Além das que vinha atraz
ó xente cum tanta véia
Inda tava chegando mais
Chegando mais, chegando mais
Chegando mais, ô, chegando mais.

Poco mais da meia-noite
O pifão tava demais
Os bêbo fazia coisa
Que home decente não fais
Além dos bêbo que tinha
Inda tava chegando mais
Chegando mais, chegando mais
Chegando mais, ô, chegando mais.

«SAIA DE BICO»
(BAIÃO)
De **João de Barro**
Gravação de **Carmelia Alves**

Sáia bonita
de renda de bico
«panha» laranja
no chão tico-tico

«panha» laranja
no chão tico-tico
se meu amor
for-se embora eu não fico
se meu amor
for se embora eu não fico
«panha» laranja
no chão tico-tico

Tico-tico vai te embora
caçador «tá» de tocaia
e eu já «tô» preso
e bem preso
na renda daquela saia

O luar fez
tanta renda
tanta renda pelo chão
que o amor
também fez renda
e prendeu meu coração.

O B R I G A D O

(SAMBA-CANÇÃO)

De **Ivon Curi**

Gravado pelo autor

Pelos momentos felizes
Que passei a teu lado
Hm....................
Obrigado
Pelos sorrisos tão falsos
Hm... Hm...
Obrigado

Obrigado, muito obrigado
Pela lição
De que a ninguem se deve dar
O coração

Seja florida tua estrada
Nunca volte ao meu lado
Adeus amor
Obrigado.

« B O I A D E I R O »

(TOADA)

De **Kléeius Caldas e Armando Cavalcanti**

Grav. de **Luiz Gonzaga**

De manhãzinha, quando sigo pela estrada,
Minha boiada pra invernada eu vou levar
São dez cabeças, é muito pouco, é quase nada,
Mas não tem outra mais bonita no lugar

Vai, boiadeiro, que o dia já vem
Leva o teu gado e vai pensando no teu bem!

De tardezinha quando volto pela estrada,
A fiarada tá todinha a me esperar
São dez fiinho, é muito pouco, é quase nada.
Mas não tem outros mais bonito no lugar!

Vai, boiadeiro, que a tarde já vem
Leva o teu gado e vai pensando no teu bem!

E quando eu chegou na cancela da morada,
Minha Rosinha vem correndo me abraçar
E' pequenina, é miudinha, é quase nada,
Mas não tem outra mais bonita no lugar.
Vai, boiadeiro, que a noite já vem
Guarda o teu gado e vai pra junto do teu bem!

RIO DE JANEIRO
(SAMBA)

De **Ary Barroso**

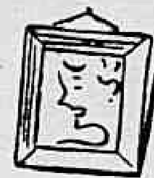
Gravação de **Francisco Carlos**

Para sentir a beleza
A grandeza do meu país,
Basta uma só condição,
E' ser brasileiro
E ter coração
Rio de Janeiro...

Ô nossas flores são tão raras
nossas noites são tão claras.
Isto é o meu Brasil,
Ô êsses montes,
Estas ilhas e matas
Estas fontes, estas lindas cascatas
Isto é o meu Brasil, ô ô,
minha terra brasileira.
Ouve esta canção ligeira
Que fiz quase louco de saudades.
Brasil tange as cordas dos teus violões,
E canta o teu canto de amor,
Que vai fundo nos corações.

Uma cousa...





...exige outra



Polvilho Antisséptico
GRANADO



ARQUIVO DE BROOKLYN JACK





LINDA DARNEL

UMA das mulheres mais bonitas (na vida real) da Meca do Cinema. Linda Darnell, é natural de Dallas, Texas, Estados Unidos da América do Norte. Nasceu a 16 de outubro de 1921, portanto está às portas da Casa de Balzac... Mede 1,62m. e pesa 50 quilos aproximadamente. Olhos e cabelos castanhos. Muitíssimo fotogênica, benza-a Deus!... Sempre fresca, amavel, saborosa, tanto em papéis sofisticados de «vampiro», bruxa tentadora, etc., etc., como em papéis de ingênua, dama sofredora pra final feliz, etc., etc. Casada com um cinegrafista que lhe ensinou os melhores truques para fotografar bem... Já posou para a United e para a Columbia, mas é contratada, desde o início da carreira, da Fox. Veio para Hollywood ainda brotinho, em 1930. E de então até hoje já apareceu nos seguintes filmes: «Hotel para mulheres», «Epôsas Ciumentas» (1939); «Etrêla Luminosa», «O Filho dos Deuses», «A Marca do Zorro», «A Garota do Circo» (1940); «O Bamba da Pelota», «Sangue e Areia» (1941); «Os Amores de Edgar Allan Poe» (1942); «Cidade sem homens» (1943); «Buffalo Bill», «O que matou por amor», «O Tempo é uma ilusão», «Explosão Musical» (1944); «Quando os homens são homens», «Concêrto Macabro», «Anjo ou demônio?» (1945); «Ana e o rei do Sião»; «Noites de Verão» (1946); «Paixão dos Fortes», «Entre o amor e o pecado» (1947); «Muralhas Humanas», «Odeio-te meu amor» (1948); «Quem é o infiel?», «Furacão da Vida», «Cante noutra freguesia» (1949); «O ódio é cego» (inédito ainda no Brasil por achar a censura que vai acendrar o ódio racial, o que parece um paradoxo, pois o filme combate justamente o racismo anti-negro...), «Entre dos juramentos» (1950); «The 13th. Letter» (refilmagem americana de «Sombra do Pavor»), e «The Guy who sank the Navy» (1951).

ELIANE LAGE

ELIANE (é favor não confundir com Eliana, senhores fãs: esta termina com «e») Lage, a melhor atriz cinematográfica de 1950, segundo o veredito da A.B.C.C. parece ser paulista. Brôto, ainda, muito aproveitável cinematogràficamente, pois aparenta ter grande talento e possui ótimas qualidades fotogênicas que o seu marido, o Tom Payne, naturalmente, saberá explorar. Eliane descende de grandes burgueses, mas não é granfinizada, felizmente. Em «Caiçára», seu filme de estréia, «o pior filme do mundo, o mais mal feito», segundo Décio Vieira Ottoni, presidente da A.B.C.C., Eliane Lage (não confundam, repito, com Eliana Macedo) vive com grande intensidade um papel difícil. Em seguida, sem que nem pra que, apareceu como «extra» no segundo filme da Vera-Cruz, apenasmente para ajudar e mostrar que não é adepta do divismo... Muito bem, Eliane Lage Isso se chama consciência profissional. Há pouca gente como você, no Brasil. Deveria haver muito mais. Você é fabulosa: bonita, graciosa, inteligente, capaz. Pode não ser simpática mas isso não tem importância, não. «No Ceará não tem disso não...» Você, Eliane Lage, é uma vocação. Tomara que essa vocação não seja estragada, abusada, padronizada pelos produtores beócios. Você deve reagir, menina, e escolher seus próprios papéis, tá bem? O próximo filme de Eliane Lage, a ser lançado, é «Angela». Péricles Leal, que viu o copião em S. Paulo, disse que Eliane está um colosso!!!



EDMUND GWENN

ESTE ator que é o velhote Edmund Gwenn, nasceu em Londres, a 26 de setembro de 1877. Suas atividades teatrais datam de 1899 e no cinema, também, já é um veterano. Todavia, últimamente é que se tem notabilizado em papéis característicos de grande fôrça emotiva, principalmente comédias dramáticas. Do sem número de filmes em que apareceu os mais importantes foram: «Parnell, o rei sem coroa», «Um inaque em Oxford», «Orgulho», «A Tia de Carlitos», «De cartola e calças listadas», «A Fôrça do Coração», «As Chaves do Reino», «A Rua do Delfim Verde», «De ilusão também se vive», «Apartamento para dois», «Senhor 880» e vários filmes de Lassie, a cadela sábia. Em Hollywood, no momento, Edmundo Gween é um ator indispensável para determinados tipos. Nos três últimos filmes aqui citados, principalmente, como soube fazer rir e chorar a tanta gente!... Atúa quase sempre em produções da 20th Century-Fox.



CHARLES Bickford, cujo verdadeiro nome é Charles Bickford, mesmo, nasceu em um 1 de janeiro longinquo, em Cambridge, Masachussetts, U.S.A. Mede 6 pés e 1 polegada e pesa 185 libras. Cabelos avermelhados e olhos azuis. Casado, com filhos. E' um dos atores mais antigos de Hollywood, ainda na militância. Entre os seus filmes mais notáveis figuras «Anna Christie, «Hell's Heroes», «The Red Wagon», «Wicked Woman», «Além do Inferno», «A Leste de Bornéo», «The Plaissman», «Alto, moreno e simpático», «A Tempestade», «Carícia Fatal», «Canção de Bernadette», «Uma casa e uma préce», «Capitão Eddie», «Ambiciosa», «A mulher desejada», «Brutalidade», «Belinda», «Roseanna». Já trabalhou para quase todos os estúdios. Antes de entrar para o cinema foi engenheiro civil, e atuou em dramas teatrais. Reside em Palisades del Rey, à beira-mar, na California e é proprietário de uma mina de ouro em San Bernardino.



CHARLES BICKFORD

música

OSWALDO DA CUNHA

TEMPORADA DE ARTE NACIONAL

INAUGURANDO a Temporada de Arte Nacional, com a presença de público não muito numeroso, e do mundo oficial, tivemos na noite de 16 do corrente, o primeiro concêrto da série de espetáculos organizada para a citada temporada, executado pela orquestra do Teatro Municipal, sob a regência do maestro Camargo Guarnieri e com a colaboração da pianista Nise Obino. Se bem que não haja constituido um espetáculo completo, na verdadeira acepção do termo, não deixou todavia de oferecer-nos uma noite bastante agradavel e bastante promissora, quanto ao quilate artístico dos próximos programas a nos serem apresentados no seu devido tempo.

Iniciando tivemos a apresentação da «Abertura Trágica» de Brahms. Obra de estranha dramaticidade e rara beleza, que o grande mestre exterioriza através de uma orquestração intensa e vigorosa. Nesta parte, convém notar que apesar de uma apresentação cuidadosa, a orquestra não conseguiu entretanto transmitir à platéia tôda a beleza e o drama que se vai desenrolando nesta obra de Brahms, composta já no fim de sua vida.

Como segundo número tivemos em primeira audição no Brasil do «Concêrto para piano e orquestra» de Shostakovich, obra composta de quatro tempos de estilo simples, apresentando, entretanto, frases coloridas e momentos românticos para maiores efeitos. Quanto à pianista Nise Obino, solista, devemos dizer que apesar de sua técnica quase perfeita e de uma execução primorosa não logrou entretanto atingir o virtuosismo necessário à esta obra. Merece, no entanto, os nossos aplausos, pelo esfôrço em superar as dificuldades da peça, e pelas grandes possibilidades que nos deixa antever na sua carreira. Finalizando tivemos sob a batuta do seu compositor, Camargo Guarnieri, «Três Danças» e a primeira audição de «Brasiliana» em substituição à anunciada «Sinfonia nº 2» do mesmo autor.

NOTICIÁRIO

CURSO DE ESTÉTICA PARA PIANISTAS

Especialmente dedicado aos alunos de piano, pianistas e professores de piano, o **Curso de Estética para Pianista**, instituido pela **Sociedade Artística Internacional**, funcionará no corrente ano, entre abril e julho.

Seu programa será ministrado em várias aulas e é o seguinte: I — Definição de Concêrto; Modalidade da dupla exposição; Origem do Concêrto; II — exposição; Origem do Concêrto; Evolução do Concêrto; A Virtuosidade e seu papel; Ação da Orquestra; III — As Formas Musicais; O desenvolvimento e suas modalidades; IV — Noções de Instrumentação e orquestra; V — Análise do concêrto em dó menor para piano e orquestra, de Mozart; VI — Análise do Concêrto número 5, para piano e orquestra, de Beethoven; VII — Análise do Concêrto número 1, para Análise do Concêrto em lá menor, para piano e orquestra, de Schuman; VIII — Análise do Concêrto número 1, para piano e orquestra, de Liszt; VX — Análise das Variações Sinfônicas, de César Frank; X — Análise de Concêrto número 2, para piano e orquestra, de Rachmaninoff.

O maestro José Siqueira ministrará as aulas e terá a colaboração dos alunos que executarão os concertos programados. Depois de cada aula, serão ouvidos em gravação, os concertos estudados. As inscrições para êsse concurso podem ser feitas durante o mês corrente, à Avenida Nilo Peçanha, 12 — décimo segundo andar — sala 1207, das 14 às 18 horas.



BIDU SAYÃO, promete-nos para julho próximo uma visita. Presentemente em «tournée» pela California, após uma série de aparições na T. V. da Rádio City, Bidu Sayão, tão pronto lhe permitam os compromissos com o Metropolitan Ópera House, dará um «pulinho» ao Brasil para matar as saudades. Convém frizar que Bidu Sayão foi durante quatorze anos a única cantora sulamericana a integrar o elenco do famoso Metropolitan Ópera House de Nova York, que conta agora também, com o concurso da cantora argentina Délia Rigal.

ORQUESTRA SINFÔNICA BRASILEIRA

Havendo transferido para o dia 31, o seu primeiro concêrto que estava marcado para 24 do corrente, a Orquestra Sinfônica Brasileira deverá apresentar-se depois de amanhã, às 16 horas no Teatro Municipal, sob a regência do maestro Eleazar de Carvalho, recém-chegado ao Brasil. A pianista patrícia Maria Alcina que acaba também de regressar da Europa onde obteve grandes êxitos, atuará no referido concêrto, estando a seu cargo a execução do concêrto nº 3 de Beethoven.

Pausa para meditação



COLEEN GRAY — (U. International)

A CENA Muda

Semanário de ARTE

ANO 13 ★ N.º 13, de 29 de março de 1951

SUMÁRIO:

Ver para crer (Leon Eliachar) 3
Telas da cidade 7
Pirandello em São Paulo (Leon Eliachar) 8
Em Punta del Este (Alberto Conrado) 10
Antologia dos Cronistas Cariocas (Salvyano Cavalcanti de Paiva) 14
Radiomania (cine-romance) .. 15
Adele Mara 18
Vincent Price (close-up)..... 21
A secretária do malandro (cine-romance) 22
Cinema mexicano 24
Rádio (Armando Migueis).... 28
Melodias para você 31
Arquivo (Brooklyn Jack) 32
Música (Oswaldo da Cunha).. 33
Pausa para meditação 34

★

CAPA

Silvana Mangano
(Art-Films)

A redação não se responsabiliza pelos trabalhos assinados.

EXPEDIENTE

Fundado em 1921 — Propriedade da COMPANHIA EDITÔRA AMERICANA. Diretor-presidente: Gratuliano Brito. Diretor-secretário: R. Peixoto de Alencar. Endereço: Rua Visconde de Maranguape, 15 — Rio de Janeiro — Brasil. Telefones: — Secretaria, 22-4447; Administração e Publicidade, 22-2550. Portaria, 22-5602. Endereço telegráfico: «Revista». número avulso para todo o território zrasileiro, Cr$ 3,00. Assinatura: Anual (52 números), Cr$ 150,00. Semestral (26 números), Cr$ 75,000. Registrada: Anual, Cr$ 180,00. Semestral, Cr$ 90,00. Estrangeiro: Anual, Cr$ 280,00; Semestral, Cr$ 140,00. Número atrasado, Cr$ 3,50. Agentes em tôdas as capitais e principais cidades do Brasil. Representantes: — Estados Unidos da América do Norte: Aguiar Mendonça, 19 West 44th Street, New York City, N.Y. Em Portugal: Helena A. Lima, Avenida Fontes Pereira de Melo, 34, 2º Distrito, Lisboa. África Oriental Portuguêsa: D. Spanos, Caixa Postal 434, Lourenço Marques. Uruguai: Moratório & Cia., Constituyente, 1746, Montevidéu. Sucursal na Argentina: «Inter-Prensa», Florida, 229, Buenos Aires. Tôda correspondência deve ser enviada ao diretor.

★

Representante em São Paulo: A. Zambardino — Rua Capitão Salomão, 69 — Telefone: 4-1569.

CORRESPONDENTE EM HOLLYWOOD

VIOLET KINNEY
THMOMAS KEENE

CORRESPONDENTE EM PARIS
JEAN DELMAR

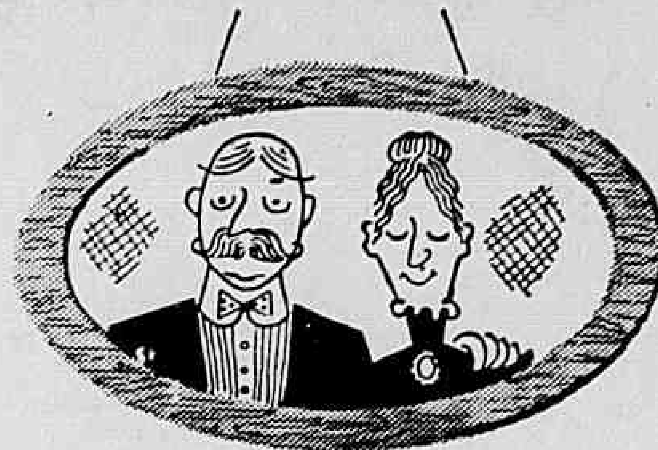
Redator-Chefe da Publicidade:
Severino Lopes Guimarães

IMPORTANTE:

O preço desta revista é de Cr$ 3,00 em todo o Brasil. Não é permitida a venda por quantia superior à marcada na capa.

DE SABOR BEM NOSSO...

– o licor da família brasileira!



Há quarenta anos o Licor de Cacau Dubar vem deliciando o paladar dos que sabem escolher. Peça Licor de Cacau Dubar e estará pedindo o melhor.

LICOR DE CACAU DUBAR



em ½ litro ou 1 litro



DUBAR *há uma delícia Dubar para cada paladar*

Standard

RIO DE JANEIRO
Rua Riachuelo, 92

SÃO PAULO
Rua Frederico Steidel, 165 - 1.º andar

SANTOS
Rua Martim Affonso, 163

O MAIS BELO ORNAMENTO DE RESIDÊNCIA

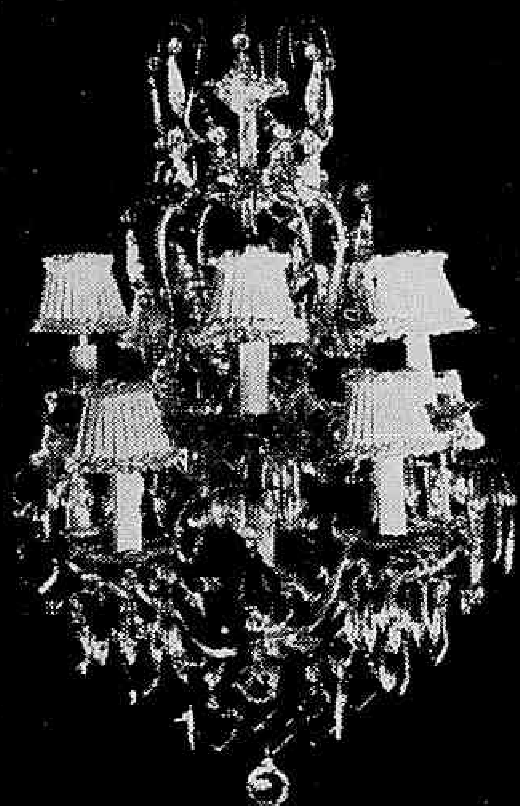
ESCOLHIDO DA PRODUÇÃO DE 26 DAS MELHORES FÁBRICAS EUROPÉIAS

NILO RIBEIRO lhes oferece as seguintes vantagens:

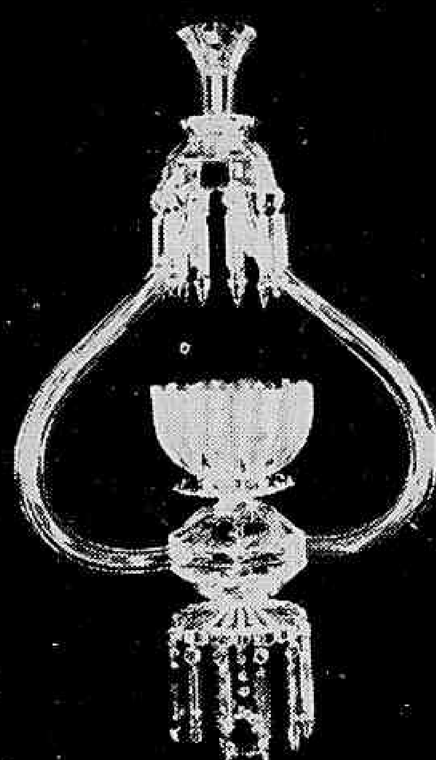
1.ª — Facilidade de pagamento e 30% de desconto.
2.ª — Vendas a varêjo por prêço de atacado por ser representante de 26 fábricas européias.
3.ª — Material de 1.ª qualidade.
4.ª — Transporte e colocação gratuita no Distrito Federal feita por profissionais especializados.
5.ª — Artistas decoradores para orientação na iluminação de sua residência.

GALERIA SÃO PEDRO

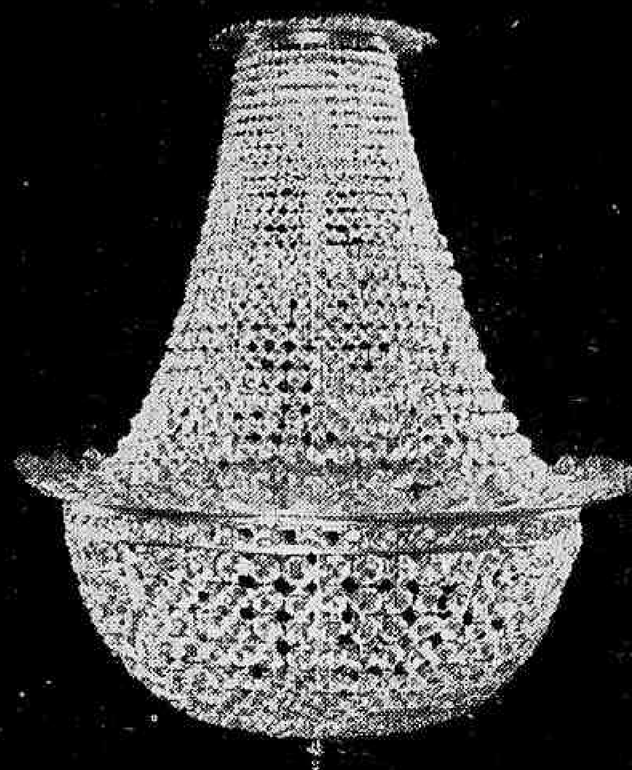
AVENIDA PRINCESA ISABEL, 126-D (Junto do Tunel Novo) — Telefones: 37-1200 e 37-3428



1



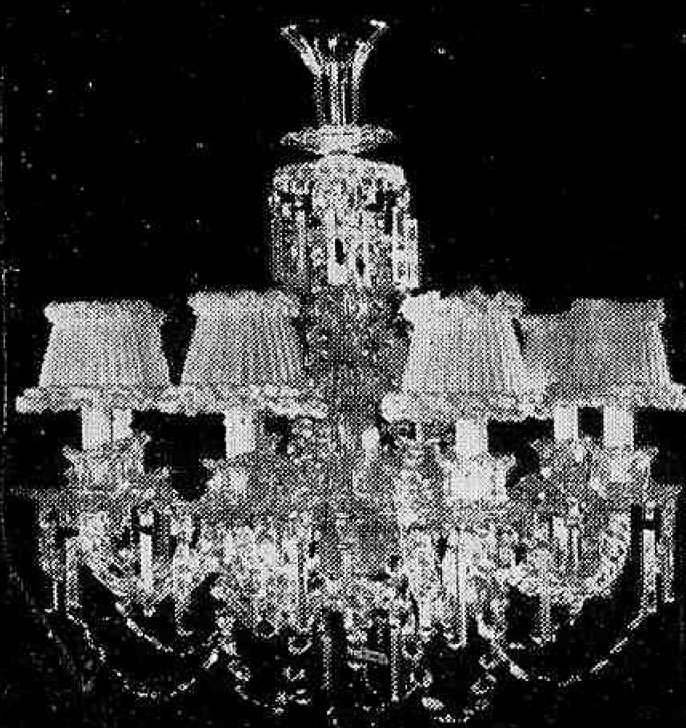
2



3



4



5



6

ACABAM DE CHEGAR DA EUROPA 146 MODELOS DE LUSTRES, LANTERNAS, APLIQUES E CANDELABROS PARA TODOS OS ESTILOS, E PRÓPRIOS PARA APARTAMENTOS. — TAMANHOS ESPECIAIS PARA HALL DE EDIFÍCIOS, HOTÉIS, ETC.

Não compre sem visitar a exposição da GALERIA S. PEDRO onde encontrará a melhor mercadoria pelo menor prêço.

FACILITA-SE O PAGAMENTO ★ REMESSAS PELO REEMBOLSO POSTAL ★ EXPOSIÇÃO: DAS 8 ÀS 22 HORAS.